

CARTA DE EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DAS TERRAS DA CHANFANA

Paulo Carvalho
Luiz Alves



FICHA TÉCNICA

Título: Carta de Experiências Sensoriais das Terras da Chanfana

Autores: Paulo Carvalho (paulo.carvalho@fl.uc.pt); Luiz Alves (luiz.alves@uc.pt)

Afiliação: Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Faculdade de Letras de Coimbra

Infografia (Mapas): Luiz Alves

Edição Gráfica e Paginação: Paulo Carvalho

Fotografias: Paulo Carvalho (exceto casos devidamente assinalados)

Fotografia de Capa: Espécies florestais e espelho de água (Terreiro das Bruxas/Lousã, 11/2021)

Fotografia da Contracapa: Caçoila de chanfana a entrar em forno de lenha (01/2023)

Edição: Servicios Académicos Intercontinentales S.L.

Copyright: © Autores

ISBN: 978-84-127781-7-5

2024

Obra Publicada com o Apoio de:



SUMÁRIO

Sumário	3
Resumo/Palavras-Chave	5
Resumen/Palavras Clave	5
Abstract/Keywords	6
Autores	7
1. Nota introdutória	9
2. Retrato territorial: diversidade paisagística e singularidade patrimonial	13
3. Experiências sensoriais	25
3.1 Contemplação da paisagem a partir de lugares entre a terra e o céu	25
3.1.1 Varanda de Gevim e miradouro da Tarrasteira	25
3.1.2 Adro do Santuário do Senhor da Serra	30
3.1.3 Miradouro de Chanca	30
3.1.4 Alto de São Pedro Dias	34
3.2 Policromia da paisagem centrada na vegetação	36
3.2.1 Vinhedos de Lamas, Podentes e Rabaçal	36
3.2.2 Floresta mista da Lousã	40
3.3 Sons e silêncios da paisagem por entre águas, bosques e ruínas	46
3.3.1 Sinfonia aquática e vegetação reliquial	46
3.3.2 Ruínas... entre silêncio, luz e sombra	61
3.4 Pôr as mãos na matéria	70
3.5 Apreciar sabores autênticos	72
3.6 Mergulhar nas fragâncias do mundo rural	73
3.7 Emoções na natureza	77
3.7.1 Explorar o interior da terra	77
3.7.2 Aventura na copa das árvores	78
3.7.3 Descer rios e ribeiras	80
3.7.4 Escalar penedos	81
3.7.5 Abraçar árvores notáveis	82
3.8 Rota das Terras da Chanfana	83
Referências Bibliográficas	97
Índice de Figuras	99

CARTA DE EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DAS TERRAS DA CHANFANA

Paulo Carvalho

Universidade de Coimbra, CEGOT, FLUC

paulo.carvalho@fl.uc.pt

Luiz Alves

Universidade de Coimbra, CEGOT

luiz.alves@uc.pt

Resumo

A experiência destaca-se no contexto das viagens tal como os estímulos sensoriais e emocionais são cada vez mais importantes para envolver viajantes e visitantes na atmosfera das atrações ecoculturais, através de atividades personalizadas, diferenciadas e imersivas que pretendem constituir uma nova referência de perceção e relação com a paisagem.

Tomando os sentidos como linha de rumo para descobrir ou redescobrir as Terras da Chanfana (Centro de Portugal), esta obra apresenta sugestões de experiências únicas para ver, ouvir, saborear, cheirar e tocar elementos, paisagens ou patrimónios singulares, isto é, propostas de atividades sensoriais e multissensoriais que podem ser realizadas de forma livre ou mediante a aquisição de serviços especializados. Tendo em vista a articulação do território, a integração e valorização do conjunto dos seus recursos ecoculturais, assim como a realização de experiências holísticas, propõe-se, igualmente, a estruturação de uma rota temática centrada na chanfana.

Palavras-chave: Experiência Turística. Experiência Sensorial; Terras da Chanfana. Centro de Portugal.

Resumen

La experiencia se destaca en el contexto de los viajes, así como los estímulos sensoriales y emocionales son cada vez más importantes para involucrar a viajeros y visitantes en la atmósfera de los atractivos ecoculturales, a través de actividades personalizadas, diferenciadas e inmersivas que pretenden constituir un nuevo referente de percepción y relación con el paisaje.

Tomando los sentidos como guía para descubrir o redescubrir las *Terras da Chanfana* (Centro de Portugal), esta obra ofrece sugerencias de experiencias únicas para ver, oír, saborear, oler y tocar elementos, paisajes o patrimonio únicos, es decir, propuestas de actividades sensoriales y multisensoriales que se pueden realizar libremente o mediante la adquisición de servicios especializados. Con miras a la articulación del territorio, la integración y puesta en valor de todos sus recursos ecoculturales, así como la realización de experiencias holísticas, también se propone la estructuración de una ruta temática centrada en la *chanfana*.

Palabras clave: Experiencia Turística. Experiencia Sensorial; Terras da Chanfana. Centro de Portugal.

Abstract

The experience stands out in the context of travel, just as sensory and emotional stimuli are increasingly important to involve travelers and visitors in the atmosphere of ecocultural attractions, through personalized, differentiated and immersive activities that aim to constitute a new reference of perception and relationship with the landscape.

Taking the senses as a guideline to discover or rediscover the *Terras da Chanfana* (Center of Portugal), this book presents suggestions of unique experiences for seeing, hearing, tasting, smelling and touching unique elements, landscapes or heritage, that is, proposals for sensory and multisensory activities that can be carried out freely or through the acquisition of specialized services. With a view to the articulation of the territory, the integration and enhancement of all its ecocultural resources, as well as the realization of holistic experiences, it is also proposed the structuring of a thematic route focused on *chanfana*.

Keywords: Tourist Experience. Sensory Experience; Terras da Chanfana. Center of Portugal.

AUTORES



Paulo Carvalho é Professor Associado do Departamento de Geografia e Turismo da Universidade de Coimbra, investigador integrado do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) das Universidades de Coimbra e Porto, e membro de diversas organizações científicas nacionais e internacionais. É autor ou coautor de duas centenas e meia de publicações científicas (com ênfase nos temas património cultural, ordenamento do território, desenvolvimento rural, ambientes de montanha, lazer e turismo, áreas protegidas, pedestrianismo, cicloturismo), orientou seis dezenas de dissertações/teses já concluídas, e coordenou cerca de três dezenas de prestações de serviços especializados.



Luiz Alves é Licenciado e Mestre em Geografia, pela Universidade de Coimbra, e tem desenvolvido o seu percurso profissional nos domínios do desenvolvimento local/regional e turismo, em várias entidades. É Doutorando em Turismo, Património e Território e investigador do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) das Universidades de Coimbra e Porto. É autor (e coautor) de mais de cinco dezenas de publicações (livros, capítulos de livros e artigos), com participação em diversos projetos de investigação científica.

1. Nota Introdutória

Diego-Velasco e Gallarza em artigo de revisão teórica do consumo experiencial no turismo apresentam uma relação cronológica de (quinze) definições de experiência (de 1982 a 2015). Os autores identificam três elementos comuns, a saber: as experiências são subjetivas, emocionais e interativas, destacando, ainda, a perspectiva de Carballo Fuentes *et al.* (2015:73), segundo a qual a experiência é “um acontecimento pessoal, muitas vezes carregado de um importante significado emocional, baseado na interação com os estímulos que são os produtos ou serviços consumidos” (Diego-Velasco & Galarza, 2020:45).

No contexto da pós-modernidade a experiência reflete a relevância da dimensão participativa, vivencial e afetiva dos viajantes, tal como constitui um elemento incontornável “(...) que irá agregar valor ao produto turístico e dessa forma buscar a singularidade do local e a diferenciação dos destinos, no qual o contentamento, o deleite e a vivência única do turista se constituem na principal razão para o desenvolvimento da atividade (Netto & Gaeta, 2010; Nascimento, Maia & Dias, 2012)” (Benetti *et al.*, 2018: 568).

Reconhecendo que o crescimento e segmentação da oferta turística decorre de uma procura cada vez mais informada, exigente e diversificada (Sharpley, 2003; Hall, 2008; Tan *et al.*, 2013; Carvalho e Alves, 2017), isto é, que os destinos oferecem produtos cada vez mais especializados e facilitadores de experiências singulares e intensas, importa analisar também a relevância das atividades criativas e participativas nos programas de visita e sua relação com as experiências turísticas.

A criatividade é um elemento diferenciador da experiência turística e pode constituir um vetor fundamental para recuperar e valorizar a identidade dos locais e dos seus valores culturais, estando associada a um turista mais envolvido, mais interessado na aprendizagem e na interação com o contexto de visita (Richards & Wilson, 2006; Cayeman, 2014; Richards, 2020), para além de constituir uma oportunidade para diversificar a oferta turística e valorizar os recursos existentes, e assim contribuir para aumentar a capacidade de atração, competitividade e inovação do destino (Fernandes, 2016; Carvalho e Alves, 2017).

Esta procura de uma nova relação com os locais visitados corresponde ao que Wearing (2011) designou “(...) de desenvolvimento interior, como uma forma de

ampliar a mente, de experimentar o novo, o diferente para enriquecimento próprio” (Netto, 2010:44).

Com efeito, o maior interesse em adquirir experiências no contexto das viagens ajuda a explicar a evolução da economia tendo em vista a oferta de produtos e serviços cada vez mais personalizados, com capacidade de despertar emoções e sensações únicas e memoráveis, mas também do *marketing* sensorial ou *marketing* de experiência, em que o objetivo é estimular os sentidos para despertar o interesse e atenção dos clientes, provocar o consumo e fidelização ou apenas para proporcionar uma boa experiência de compra aos mesmos (Duarte, 2014; Santos *et al.*, 2018; Bender, 2020; Sharpley, 2021).

A experiência sensorial é uma forma de aquisição de informação, conhecimento ou aprendizagem baseada na perceção dos órgãos dos sentidos (tradicionalmente reconhecidos como a visão, o olfato, a audição, o tato e o paladar), sendo caracterizada por uma extrema complexidade e um carácter pessoal. “Por intermédio dos órgãos dos sentidos, os estímulos provenientes do meio alcançam os mecanismos de recepção que, por sua vez, activam os receptores sensoriais [olho, nariz, orelha, pele e língua] que transformam a energia recebida (luminosa, mecânica ou química) em sinais eléctricos, que de seguida são conduzidos ao cérebro até à sua área correspondente” (Ribeiro, 2017:9).

Como refere Silva (2020:67-68), “A sensação [sabor, odor, textura, cor, som] resulta de um estímulo sensorial [gustativo, olfativo, tátil, visual, auditivo] em contacto com as células recetoras de um órgão sensorial e, a partir desse momento, inicia-se o processo da assimilação da informação pelo indivíduo. Este processo desencadeia perceções que correspondem à consciência ou compreensão das informações sensoriais recebidas (Krishna, 2012). Estas perceções originam experiências sensoriais conscientes (Goldstein, 2010)”.

Em diversos estudos sobre as relações entre a experiência sensorial e as outras dimensões da experiência turística¹, assim como sobre as relações entre este construto e a satisfação e lealdade do turista, conclui-se que “os destinos de montanha são propícios ao desenvolvimento de experiências multissensoriais, que permitem satisfazer as necessidades do novo tipo de turista – este é mais sensível a experiências emocionais e

¹ Pereira e Hor-Meyll (2017:536), citando Tung & Ritchie (2011:1369), referem que «Em turismo, experiência é uma “avaliação subjetiva (afetiva, cognitiva e comportamental) sobre eventos relacionados a atividades turísticas, que ocorre antes (no planeamento e preparação), durante (no destino) e depois da viagem (recordação)”».

sensoriais, autênticas e únicas, que contribuam para um envolvimento mais intenso com o destino e para a construção da sua própria identidade” (Mateiro, 2015:6).

De igual modo, estudos com turistas que “pernoitaram em alojamentos de espaço rural da Costa Alentejana e Vicentina (...) permitem concluir que experiências sensorialmente mais ricas têm um papel importante na memória a longo-prazo de experiências turísticas, promovendo um comportamento mais favorável dos visitantes em relação aos destinos rurais, no que diz respeito à recomendação e revisita por parte de turistas, o que sugere uma ligação entre a dimensão sensorial da experiência turística em destinos rurais e a fidelização ao destino” (Agapito, 2013:XIII).

No caso do enoturismo (e do turismo gastronómico), a experiência é multissensorial, uma vez que envolve os cinco sentidos convencionais. Duarte (2014:5), no âmbito de uma investigação sobre *marketing* sensorial no enoturismo, conclui que “(...) os elementos sensoriais presentes no ambiente despertam os cinco sentidos criando condições para a intensificação das expectativas de experiências extraordinárias que se refletem no comportamento do consumidor”. “Mais ainda, o despertar dos cinco sentidos e a componente prática e humana faz com que o turista se sinta parte integrante das experiências. Este sentimento origina fidelização com a experiência, ampliando a possibilidade de recomendação a outros indivíduos e potenciando o passa-a-palavra” (Silva, 2020:71).

Mateiro (2015:32), em conformidade com vários autores, considera “(...) que os destinos devem criar um ambiente favorável ao desenvolvimento de experiências multissensoriais, de modo a reforçar a sua competitividade e sustentabilidade, uma vez que quanto maior o número de estímulos sensoriais empregues nos destinos turísticos e na experiência turística (abordagem multissensorial), maiores são as probabilidades de o visitante vir a estabelecer uma relação emocional positiva, e a construir memórias positivas associadas ao destino particular”.

Em síntese, a revisão de literatura científica da especialidade coloca em evidência a relevância da experiência no contexto das viagens e o papel dos estímulos sensoriais e emocionais com o objetivo de “(...) entregar ao turista não só a contemplação do espaço, mas a vivência e a emoção de torná-lo personagem de suas experiências” (Goveia *et al.*, 2021:125).

É neste contexto teórico/conceptual que emerge a “Carta de Experiências Sensoriais das Terras da Chanfana”², com o objetivo de proporcionar momentos inesquecíveis de fruição de recursos ecoculturais, através de propostas orientadas para cada um e, também, para o conjunto dos sentidos humanos, quer valorizando atrações já existentes, quer abrindo caminho a novas ofertas diferenciadas, nos municípios de Lousã, Miranda do Corvo, Penela e Vila Nova de Poiares (Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra, Centro de Portugal).

Esta iniciativa é ainda uma oportunidade de reunir na página *web* da Dueceira, conteúdos organizados para descobrir, conhecer e experienciar as Terras da Chanfana, tornando visível a marca recém-criada e acessível aos potenciais interessados a informação sobre atividades sensoriais em que o património (natural, cultural, paisagístico) é o principal *leitmotiv*.

Trata-se, portanto, de identificar e selecionar o que de mais relevante está presente neste território e interage com os sentidos para a indução de experiências únicas de contacto direto com a natureza e a cultura centradas em imagens, cheiros, texturas, sons ou sabores, não perdendo a oportunidade de sensibilizar os visitantes para a importância da proteção e valorização da biodiversidade.

Por conseguinte, a Carta reúne sugestões para ver, ouvir, saborear, cheirar e tocar elementos, paisagens ou patrimónios singulares, através de atividades sensoriais e multissensoriais que podem ser realizadas de forma livre, autónoma e sem custo direto associado, ou através de aquisição de serviços relacionados com agentes/entidades de referência do território. Tendo em vista a articulação do território, a integração e valorização do conjunto dos seus recursos diferenciadores, assim como a realização de experiências integradas, propõe-se, igualmente, a estruturação de uma rota temática centrada na chanfana³.

Venha conhecer, experimentar e, principalmente, emocionar-se, pois as Terras da Chanfana têm muito para contar e sentir!

² A presente publicação tem origem no trabalho que foi realizado em 2021/2022, no âmbito de uma prestação de serviços especializados da Universidade de Coimbra para a Dueceira (Associação de Desenvolvimento do Ceira e Dueça), com o apoio do PROVERE (Portugal 2020),

³ A chanfana é uma especialidade gastronómica tradicional à base de carne de cabra e vinho, a que se juntam temperos como o louro, o sal e o alho (ou outros condimentos, conforme os concelhos), confeccionada em caçoilas de barro preto (ou vermelho) que vão ao lume em forno de lenha. No passado era servida em ocasiões festivas (casamentos e festas religiosas), a par de outras iguarias como, por exemplo, o cabrito assado, a sopa de casamento, a tigelada ou a nabada.

2. Retrato territorial: diversidade paisagística e singularidade patrimonial

Terras da Chanfana é uma marca registada da Dueceira (Figura 1), desde 15/01/2019, com o propósito de dar visibilidade e valorizar alguns dos recursos e produtos endógenos mais relevantes dos municípios de Lousã, Miranda do Corvo, Penela e Vila Nova de Poiares (Figura 2) – cada um com quatro freguesias –, os quais estão localizados no setor central/meridional da mencionada Comunidade Intermunicipal. A sua configuração, com os rios Mondego e Alva, no limite setentrional, as grandes linhas de cumeada da Serra da Lousã, na bordadura oriental e austral, ou as elevações do Rebordo Montanhoso do Maciço Antigo e das Serras de Condeixa/Sicó, no termo ocidental, revela uma diversidade de ambientes geográficos.



Fonte: <https://dueceira.pt/wp-content/uploads/2021/10/1634286904366.jpg>

Figura 1. Logótipo das Terras da Chanfana

Do amplo universo de indicadores que caracterizam o território, a sociedade e a economia, por município, considera-se pertinente mencionar que as Terras da Chanfana ocupam uma área aproximada de 484 km² (repartindo-se entre 84,45 km² e 138,40 km², em Vila Nova de Poiares e na Lousã, respetivamente); a altitude máxima, por concelho, varia entre 1205 metros (Trevim, Lousã) e 458 metros (Serra do Bidueiro – também designada de Serra de São Pedro Dias/Alveite –, Vila Nova de Poiares), sendo que atinge 940 metros em Miranda do Corvo (na Relva de Tábuas) e 873 metros em Penela (cerca de 1,1 km a norte do marco geodésico de Malhadizes); em 2011, a população



Figura 2. Localização das Terras da Chanfana

residente totalizou 43966 indivíduos⁴ e o número de famílias clássicas foi de 16912, com uma dimensão média ligeiramente inferior a 2,6 pessoas por família; o número de lugares censitários, por município, em 2011, fixou-se em 342 (o que corresponde a uma média de 85,5 lugares por município), com a particularidade de não incluir cidades e lugares com mais de 10000 habitantes – apenas dois lugares apresentam população residente superior a 2000 habitantes: as vilas da Lousã (9163) e de Miranda do Corvo (3262), o que representa 52,1% e 24,9% do total demográfico dos municípios homónimos; a área florestal, com quase 350 km², é dominante no que diz respeito ao uso e ocupação do solo, seguida da área agrícola (75,7 km²) e dos territórios artificializados (29,9 km²), perfazendo 72,3%, 15,6% e 6,2% do total referido, em 2020⁵; o setor terciário – de natureza social (36,4%) e relacionado com atividades económicas (36%) – ocupa a maioria da população empregada (72,4%), enquanto o setor secundário é responsável por 24,6% do emprego e o setor primário corresponde a cerca de 3,1% dessa população, em 2021, não obstante pequenas variações por município, a saber: Penela regista o menor valor do setor primário, com 2,7%; o setor secundário tem maior peso relativo em Vila Nova de Poiares, com 27,9%; e Miranda do Corvo tem mais população empregada, em %, no setor terciário (77,2%), quando comparada com os outros municípios em análise.

É neste derradeiro item que se justifica uma referência especial às atividades económicas (produtoras de bens e serviços transacionáveis) alicerçadas na valorização de recursos endógenos como, em particular, a produção de queijo, mel, vinho, azeite, frutos secos (noz, figo e uva), ervas aromáticas, árvores de fruto e plantas ornamentais, cabrito, borrego, olaria, de que sobressai, pelo reconhecimento ou certificação, o Queijo Rabaçal e o Mel Serra da Lousã (Figura 3) – ambos com Denominação de Origem Protegida –, bem como o Vinho Terras de Sico⁶ (com Indicação Geográfica Protegida).

⁴ De acordo com os Resultados Definitivos dos Censos 2021 (disponível em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21, desde 23/11/2022) a população residente nas Terras da Chanfana sofreu um decréscimo de 2715 habitantes na última década – a variação relativa coloca nos extremos do intervalo Penela (-9,08%) e Lousã (-3,4%) –, problema que, não sendo novo, desta vez atingiu todos os municípios da Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra.

⁵ Conforme os Anuários Estatísticos Regionais de 2020 (disponível, desde 15/12/2021, em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_doc_municipios; consultado a 26/10/2022).

⁶ “A área geográfica de produção limita-se aos concelhos de Alvaiázere, Ansião, Condeixa-a-Nova, Penela e Soure e as Freguesias de Lamas (Miranda do Corvo), Abiúl, Vila Cã, Redinha e Pelariga (Pombal) e Aguda (Figueiró dos Vinhos)” (<http://www.terrasdesico.pt/produtos/2/vinho-terras-de-sico>; consultado a 16/11/2022).

A esta panóplia de saberes e fazeres, com tradição e modernidade (para responder, também, aos desafios da sustentabilidade), é necessário adicionar as paisagens culturais, isto é, as obras do ser humano em harmonia com o suporte biofísico, de que são exemplo extraordinário os campos agrícolas do Rabaçal (e, de certa forma, uma parte significativa do parcelado rural do Maciço de Sicó), delimitados por muros de pedra seca, com olivais, vinhas e outras culturas, por onde continuam a deambular alguns rebanhos de cabras e ovelhas, e as antigas leiras de cultivo junto às aldeias da Serra da Lousã, amparadas em socalcos, com a graça de fios de água, que tão importantes foram para o milagre da sobrevivência – tal como os castanheiros e o gado caprino valeram nesse esforço sem limites de permanência na montanha –, hoje, todavia, em estado generalizado de abandono.



Figura 3. Mel Serra da Lousã, em embalagem comercial de 30 gramas (09/2022)

O turismo constitui, do mesmo modo, uma atividade relevante e de crescente visibilidade das “Terras da Chanfana”, para o que tem contribuído, em especial, a integração do território em rotas e redes consolidadas, designadamente a Rota da Estrada Nacional 2 (Lousã e Vila Nova de Poiares); a Rede de Aldeias do Xisto (Lousã – Figura 4 –, Miranda do Corvo e Penela); a Rede de Áreas Classificadas da Região

Centro (na génese dos consórcios *ByNature* e *INature*, em 2007-2013 e 2014-2020, respetivamente, com Lousã, Miranda do Corvo e Penela); e a Rede de Castelos e Muralhas do Mondego (Lousã, Miranda do Corvo e Penela), as quais, em função de parcerias, colaboração e coordenação têm desempenhado um papel decisivo na estruturação e promoção da oferta turística, quer na vertente de produtos (como, por exemplo, Aldeias do Xisto, Caminhos do Xisto, Trilhos e Centros de BTT, Praias Fluviais), quer na esfera de eventos (com diversas tipologias e escalas, incluindo a internacional). No mesmo sentido, estão em curso ou perspectiva-se a concretização de projetos como a Rede de Aldeias de Calcário (Sicó), a Paisagem Protegida de Sicó e a Paisagem Protegida da Serra da Lousã (com a legítima ambição de integração dos territórios a classificar na Rede Nacional de Áreas Protegidas), através da Terras de Sicó - Associação de Desenvolvimento (Alvaiázere, Ansião, Condeixa-a-Nova, Penela, Pombal e Soure) e da Agência para o Desenvolvimento da Serra da Lousã (Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Góis, Lousã, Miranda do Corvo, Pedrógão Grande e Penela), respetivamente.



Figura 4. Marco toponímico das Aldeias do Xisto (Chiqueiro/Lousã, 06/2019)

Fixando agora como eixo de leitura os traços nucleares da geografia física, no esteio de episódios naturais ciclópicos, com amplitude de milhares ou milhões de anos, é lapidar o contraste paisagístico das Terras da Chanfana, através de elementos estruturais, litológicos, fitogeográficos, entre outros.

Dos relevos mais antigos sobressai a Serra da Lousã, com predomínio de formas arredondadas e litologia xistosa, mas onde se destacam pequenas manchas de granitóides e quartzitos, como as que ocorrem, pela ordem indicada, no contacto entre as freguesias de Vila Nova (Miranda do Corvo) e do Espinhal (Penela), e no limite nordeste e sudeste (Penedos de Góis e São João do Deserto) deste mastro ocidental da Cordilheira Central. A elevação brusca da montanha, no setor setentrional, é uma marca incontornável da paisagem, perceptível a uma considerável distância (como, por exemplo, na A1, próximo de Cantanhede, ou na A17, na transição da Figueira da Foz para Montemor-o-Velho). Na bordadura merecem referência os relevos marginais (Rebordo Montanhoso do Maciço Antigo), designadamente as elevações da Serra do Carvalho (Vila Nova de Poiares) e do Senhor da Serra (Miranda do Corvo), com amplo panorama, quer para a Bacia da Lousã – onde dominam arenitos, areias e argilas, tal como se distinguem diversas colinas sedimentares (a de maior altitude é a Serra de Sacões) –, quer para a guarda avançada do bloco noroeste da Cordilheira Central (Lousã, Açor e Estrela). Em Miranda do Corvo, a poente da antiga linha do caminho de ferro e do rio Dueça, e em especial na freguesia de Lamas, é visível parte da designada Depressão Periférica, com calcários e afloramentos afins, a qual se estende também a Penela, onde uma nova unidade morfoestrutural marca a paisagem: a Orla Mesocenozóica, com predomínio de substratos calcários e formas de relevo peculiares (dolinas, lapiás, “buracas”, canhões, grutas, algares, entre outras).

A esta diversidade de formas de relevo e litologias corresponde, de igual modo, uma acentuada variedade de vegetação e fauna nativas. Apesar das profundas alterações da componente arbustiva e arbórea pela ação antrópica⁷, permanecem, na atualidade, algumas áreas (contínuas) de reconhecido valor ambiental (e socioeconómico), particularmente em Lousã, Penela e Miranda do Corvo, o que conduziu, em meados de

⁷ Em resultado de queimadas, incêndios, abate indiscriminado de exemplares, mas também para introdução de espécies de crescimento rápido como, inicialmente, o pinheiro bravo e, nas últimas décadas, o eucalipto, sem esquecer o problema das espécies vegetais invasoras, em especial a acácia mimosa (*Acacia dealbata*). De acordo com projeções de António Campar de Almeida (2021), o género *Acacia*, que hoje representa menos de 2% do espetro florestal do país, poderá atingir cerca de metade desse universo nas próximas seis décadas.

2000, no âmbito da Rede Natura, à classificação dos sítios Serra da Lousã⁸ e Sicó/Alvaiázere⁹, segundo a qual os referidos municípios apresentam, pela ordem indicada, 3788 ha, 1348 ha e 409 ha de habitats prioritários, ou seja, o equivalente a cerca de 27%, 11% e 3% da respetiva área concelhia classificada. Carvalho-roble (*Quercus robur*), carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), castanheiro (*Castanea sativa*), loureiro (*Laurus nobilis*), azereiro (*Prunus lusitanica*), bétula (*Betula celtiberica*), faia (*Fagus sylvatica*), freixo (*Fraxinus angustifolia*), azevinho (*Ilex aquifolium*), ocorrem sobretudo em solos ou afloramentos rochosos de xisto ou granito. Outras espécies, como, por exemplo, o sobreiro (*Quercus suber*), a azinheira (*Quercus ilex*), o carvalho-cerquinho (*Quercus faginea*), o medronheiro (*Arbutus unedo*), ou a oliveira (*Olea europaea*) encontram-se distribuídas por todo o território, embora se reconheçam locais de maior expressão, como acontece, especificamente, com os carvalhais de *Quercus faginea* e os azinhais em Sicó/Alvaiázere.

Por outro lado, é relevante mencionar a rearborização de diversos espaços por iniciativa dos Serviços Florestais, a saber: Mata da Cabeça Gorda, Mata do Braçal e Mata do Sobral, na Lousã; Mata de São Pedro Dias/Alveite, em Vila Nova de Poiares; Serra da Lousã, na Lousã, em Miranda do Corvo e Penela. Não obstante os efeitos negativos associados aos incêndios florestais que deflagraram nas últimas décadas, sobretudo os de maior dimensão (em 1978, 1990, 1997, 2002 e 2017), permanecem visíveis alguns dos melhores resultados do trabalho realizado, com destaque para os antigos Cantões das Hortas, do Porto Espinho, da Cova das Malhadas e do Cavalete (Trevim), na Serra da Lousã, principalmente no concelho da Lousã, com espécies autóctones (nomeadamente faias, bétulas, carvalhos, castanheiros, tílias, bétulas, pinheiros silvestres, entre outras) e naturalizadas (em especial “cedros” do Buçaco, pseudotsugas, cameciparis e pinheiros negros), para além de tantos contributos (abertura de estradas, caminhos e linhas de corta-fogo; construção de áreas de lazer; edificação de casas e anexos para a guarda florestal), a par de algumas iniciativas da Junta Autónoma de Estradas para apoio aos viajantes e visitantes (Figura 5), que valorizaram a montanha e renovaram a sua imagem (Carvalho, 2005).

⁸ O SIC Serra da Lousã (PTCON0060) ocupa uma área de 15158 ha, repartindo-se pelos concelhos de Castanheira de Pera (3026,28 ha), Figueiró dos Vinhos (2455,36 ha), Góis (4539,51 ha), Lousã (3788,20 ha) e Miranda do Corvo (1348,23 ha), de acordo com a Resolução do Conselho de Ministros n.º 76/2000, de 5 de julho (Diário da República, n.º 153/2000, I Série – B, p. 2944).

⁹ O SIC Sicó/Alvaiázere (PTCON0045) corresponde a 31678 ha, distribuindo-se pelos municípios de Alvaiázere (7498 ha), Ansião (7337 ha), Ferreira do Zêzere (4338 ha), Ourém (1777 ha), Penela (409 ha), Pombal (5314 ha), Soure (1250 ha) e Tomar (3756 ha), segundo a citada fonte (*Idem*, p. 2938).



Figura 5. Fonte Fria (Lousã, 12/2020)

A rede hidrográfica tem como referências principais os rios Mondego e Alva, em Vila Nova de Poiares; Ceira, na Lousã e Miranda do Corvo; e Dueça, em Penela e Miranda do Corvo. Consideram-se, também, como muito importantes as ribeiras de Poiares (Vila Nova de Poiares); da Fórnea, de São João e Maior (Lousã); do Espinho (Miranda do Corvo); e da Azenha (Penela), pelo estado de conservação das galerias ripícolas em determinados setores, o que justificou a inclusão de algumas destas linhas de água na Rede Natura 2000 e, recentemente, esteve na génese de iniciativas de conservação e valorização dos patrimónios associados, permanecendo visíveis, embora a maior parte em estado de ruína, moinhos, azenhas, levadas, açudes e outras obras de engenharia vernacular que, no passado, dominaram as paisagens fluviais e foram fundamentais para atividades, como, por exemplo, a agricultura ou a moagem de cereais e azeitona, tal como no presente são de enorme relevância, quer para a estabilidade dos ecossistemas ribeirinhos, quer para atividades (descarbonizadas ou de baixo carbono) de fruição, apreciação, interpretação e educação ambiental/patrimonial.

Quanto aos ambientes geográficos, segundo uma perspetiva diacrónica, as primeiras evidências de ocupação e utilização humana do suporte físico datam dos

períodos pré e proto-históricos, como estruturas funerárias, em pontos elevados da Serra da Lousã (Lomba da Tarrastreia, Penedinho Branco e Viso do Esporão, em Miranda do Corvo), monumentos megalíticos tumulares (Dólmen de São Pedro Dias¹⁰, em Vila Nova de Poiares), e fragmentos líticos (próximo do rio Ceira, na Lousã).

O período da ocupação romana constitui um testemunho de notável valor para o estudo da presença do ser humano no território, com destaque para a Villa Romana do Rabaçal¹¹ (datada do século IV), na proximidade da via de Olissipo (Lisboa) a Bracara Augusta (Braga) e, portanto, junto da antiga cidade de Conímbriga. Para além desta, foram encontrados outros objetos da época romana, de modo fortuito ou na sequência de escavações arqueológicas, em perímetros urbanos (Serpins e Lousã) e contextos rurais (Lamas¹², Miranda do Corvo).

Porém, será a reconquista cristã, a formação e a consolidação da nacionalidade a trazer novas e importantes evidências da atividade humana e da organização do território, como os castelos do Germanelo, Penela (Figura 6), Arouce (Lousã) e Miranda do Corvo (de que restam, no presente, apenas alguns vestígios), na linha defensiva meridional da cidade de Coimbra, os quais sofreram alterações mais ou menos

¹⁰ Localizada junto à Estrada da Beira (EN17), em local de transição da Serra da Atalhada para o Alto do Bidueiro (Serra de São Pedro Dias/Alveite), esta “Anta Neo-Calcolítica (...) de consideráveis dimensões”, embora “(...) bastante deteriorada (...)” – como é reconhecido na Nota Histórico-Artística da ficha deste monumento, disponível no site da Direção-Geral da Cultura (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74995/>; consultado a 19/11/2022) –, foi classificada como Imóvel de Interesse Público em julho de 1990 (Decreto n.º 29/90, Diário da República, I Série, n.º 163, de 17-07-1990, p. 2973).

¹¹ “Situada no lugar da Ordem, União das Freguesias de São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, concelho de Penela e freguesia do Zambujal, concelho de Condeixa-a-Nova (...)”, foi recentemente reclassificada como sítio de interesse nacional, “(...) sendo-lhe atribuída a designação de «monumento nacional».” (Decreto n.º 12/2021, Diário da República, 1.ª série, n.º 109, de 07/06/2021, p. 41). Em 01/07/2013, tinha sido classificada como sítio de interesse público.

¹² É o caso do denominado tesouro de Chão de Lamas “(...) atualmente no Museu Arqueológico Nacional, em Madrid (...). Descoberto em 1913, este importante depósito era composto por vários objetos, entre os quais se destacam: dois vasos de prata, um dos quais com tampa, um *torques* completo e um fragmento de outro, ambos em prata, duas lúnulas de prata e 6 denários romanos e um ibérico (...)” (Ruivo, 2002:147), datados dos séculos II e I antes de Cristo.

Também na freguesia de Lamas, as escavações arqueológicas no sítio da Eira Velha, em 2011, por ocasião dos estudos de impacto ambiental para a construção do IC13/A13, “(...) vieram pôr a descoberto uma ocupação do tipo casal agrícola (...) intimamente ligado a vias romanas secundárias que entroncam nos grandes eixos de comunicação do Império Romano. Vieram à luz do dia vestígios de habitações e estruturas para a produção e armazenamento de produtos, bem como uma estação de muda e comércio, apontando para uma dinâmica local ligada à agricultura, nomeadamente à cultura da vinha, à criação de gado e à transformação, armazenamento e escoamento de produtos.” (<https://cm-mirandadocorvo.pt/menu/577/freguesia-de-lamas>; consultado a 19/11/2022).

profundas no decurso do tempo, e os forais de Miranda do Corvo (1136), Penela (1137) e Lousã (1151).



Figura 6. Vista parcial do castelo e casario da vila de Penela (11/2021)

E se fosse possível percorrer a passos largos os caminhos e veredas da evolução, lançadas que estavam as bases para essa grande viagem que conduziu até aos nossos dias, o que veríamos nesse postigo que são as últimas décadas? Mudanças profundas, fatores disruptivos, “tectónicas fraturantes”, para explicar, por um lado, dinâmicas que ampliaram espaços urbanos, concentraram população e atividades económicas, sobretudo nos lugares-centrais do sistema de povoamento, onde as sedes de município, com mais ou menos influência da capital regional (Coimbra), assumiram cada vez maior protagonismo – não raras vezes sem o necessário apoio e enquadramento de instrumentos de gestão do território adequados – e, por outro, dinâmicas de desvitalização económica e demográfica que varreram de forma impiedosa os territórios mais isolados e menos atrativos, com as serras e as montanhas em primeiro plano, onde o envelhecimento e a fuga da população, o declínio dos sistemas produtivos agrosilvopastoris, a desruralização, o abandono de lugares e da paisagem rural são marcas incontornáveis e preocupações de enorme magnitude.

Contudo, emergem sinais de esperança, no quadro de políticas e instrumentos territorializados para a multifuncionalidade do mundo rural, e até resultados promissores da valorização de recursos ecoculturais diferenciadores para alicerçar novas formas de trabalho, de vida e de lazer centradas no mundo rural. Com uma atmosfera favorável e a seiva da terra a levedar ganham visibilidade os saberes ancestrais através de produtos certificados, tal como a confeção de especialidades gastronómicas e a criação de peças de artesanato originais (em madeira, pedra, argila, metal, linho, entre outros materiais endógenos); renascem velhas construções vernaculares de pedra e madeira (desde a simplicidade das pequenas casas em aldeias serranas até aos edifícios mais imponentes vinculados a solares e palacetes); recuperam-se antigos caminhos e trilhos de circulação entre espaços de trabalho e residência, agora valorizados para atividades como o pedestrianismo ou o BTT; assumem relevância pontes, moinhos, azenhas, lagares, eiras, muros de pedra seca, ermidas, capelas, manchas de vegetação autóctone e outros elementos culturais ou naturais que colocam no mapa da existência as paisagens e os lugares onde a obra-prima do ser humano, o encanto do saber-fazer ou a magia da natureza podem deixar-nos sem palavras e, afinal, são fonte de inspiração no presente tal como abrem novos horizontes para o futuro.

Como escreveu Miguel Torga, no poema “Viagem”, “Em qualquer aventura, O importante é partir, não é chegar”. Com o apelo aos sentidos de viajante, importa, sobretudo, (re)descobrir o território e viver experiências únicas... é este o mote para percorrer e apreciar a geografia e o imaginário das Terras da Chanfana!

3. Experiências sensoriais

3.1 Contemplação da paisagem a partir de lugares entre a terra e o céu

A apreciação das paisagens que configuram a tela e a moldura geográfica das Terras da Chanfana tem como solar alguns percursos e locais privilegiados de contemplação. Para fruir amplos panoramas, basta ascender à Serra da Lousã, a partir da Lousã ou Miranda do Corvo; alcançar as cumeadas da Serra do Carvalho ou da Serra de São Dias Dias/Alveite, em Vila Nova de Poiares; visitar o Senhor da Serra (Miranda do Corvo), o São João do Deserto ou a Chanca (Penela), onde a partir de miradouros ou pontos informais¹³ a viagem é sempre compensada com o deleite da visão.

3.1.1 Varanda de Gevim e miradouro da Tarrasteira

Nas duas vias principais de ligação entre os setores setentrional e meridional da Serra da Lousã, o visitante tem ao dispor três miradouros no município da Lousã. A varanda de Gevim (ostentando um pequeno painel de azulejos com a data de 1940) – Figuras 7 e 8 – e o miradouro da Senhora da Piedade (também com um painel de azulejos alusivo ao poema “Serra da Louzã”, de Eugénio Sanches da Gama) – Figuras 9 e 10 – estão situados na Estrada da Serra (EN236), a curta distância do centro da Lousã¹⁴, e resultam do esforço de embelezamento dessa via que finalmente quebrou o isolamento da montanha (cujos trabalhos, com início nos anos 80 do século XIX, só foram concluídos de forma a permitir a circulação efetiva de veículos automóveis em 1929¹⁵), com pontos de paragem para descanso e contemplação da paisagem, pequenos espaços de lazer e largas centenas de árvores (eucaliptos, freixos, carvalhos, cedros, sequóias, entre outras). Por sua vez, o miradouro da Tarrasteira (Figuras 11 e 12), a cerca de 525 metros de altitude, na estrada florestal de Cacilhas à Catraia, foi inaugurado a 17 de julho de 1988, por ocasião da comemoração dos 150 anos da viagem (turística e cultural) à Serra da Lousã, empreendida pelo académico coimbrão Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

¹³ Para apreciação de horizontes de maior amplitude (com alcance até ao mar e aos relevos da Beira Baixa), sugerem-se a Relva de Tábuas (Miranda do Corvo) e, principalmente, o Alto do Trevim (Lousã).

Por outro lado, devem mencionar-se também os miradouros de Santa Maria/Cancelas (Penela), Tróia (Miranda do Corvo), Areal e Cume/Manuel Vaz (Lousã).

¹⁴ A cerca de 3,5 km e 4,4 km da Câmara Municipal da Lousã, respetivamente.

¹⁵ A inauguração da estrada da Serra ocorreu no dia 27 de agosto de 1929.

Porém, é a varanda de Gevim e, sobretudo, o miradouro da Tarrasteira que oferece aos viajantes uma imagem completa dos limites setentrionais das Terras da Chanfana, com a Serra de São Pedro Dias/Alveite, a Serra do Carvalho e o Senhor da Serra, para além dos recortes da Atalhada, Buçaco e Caramulo (Figuras 13 e 14).



Figura 7. Varanda de Gevim (Lousã, 11/2021)



Figura 8. Composição de azulejos da varanda de Gevim (Lousã, 11/2021)



Figura 9. Miradouro da Senhora da Piedade (Lousã, 04/2022)



Figura 10. Painel de azulejos, reproduzindo poema de Eugénio Sanches da Gama, no miradouro da Senhora da Piedade (Lousã, 11/2021)



Figura 11. Miradouro da Tarrasteira (Lousã, 11/2021)



Figura 12. Placa alusiva à inauguração do miradouro da Tarrasteira (Lousã, 04/2022)



Figura 13. Horizonte visual a partir da varanda de Gevim (Lousã, 11/2021)



Figura 14. Panorama desde o miradouro da Tarrasteira (Lousã, 11/2021)

3.1.2 Adro do Santuário do Senhor da Serra

No lugar do Senhor da Serra, a coroar a vertente sobranceira ao Mosteiro de Santa Maria de Semide (classificado como Imóvel de Interesse Público em 30/11/1993), situa-se um dos santuários mais antigos e de maior devoção da região Centro. O Santuário do Senhor da Serra (Monumento de Interesse Público desde 13/05/2013) – Figura 15 – resulta de novas edificações a partir do final do século XIX, substituindo a antiga capela existente no local desde meados do século XVII, destacando-se “(...) a igreja típica do revivalismo medievalista coimbrão, conjugando espacialidade e prospeto exterior goticizantes com elementos de inspiração românica”¹⁶ e os seus interiores com diversas peças ou elementos de reconhecido valor artístico. O adro envolvente (incluído, de igual modo, na mencionada classificação), onde pontificam, como revestimento em sete bancos de pedra, conjuntos de azulejos da Fábrica Aleluia¹⁷ (Aveiro) que retratam episódios (alegados milagres) de maior relevância no culto religioso do Senhor da Serra (Figura 16), é um excelente miradouro para as cumeadas das serranias do Carvalho e de São Pedro Dias/Alveite, bem como para algumas pequenas elevações de Condeixa/Sicó e, em particular, constitui um local privilegiado para contemplar o alinhamento Lousã-Açor-Estrela, com a elevação mais ocidental da Cordilheira Central, pela proximidade, em maior detalhe (Figuras 17 e 18).

3.1.3 Miradouro de Chanca

O acesso à aldeia de calcário de Chanca, a partir da EN347-1, depois de percorrida uma íngreme subida, abre um panorama ímpar. Do miradouro homónimo (Figura 19), inaugurado a 10/11/2002, com a particularidade de incluir um original painel de interpretação dos elementos fundamentais da paisagem, a vista que o olhar alcança é magnífica, com o Vale do Rabaçal (Figura 20); o sítio arqueológico da Villa Romana do Rabaçal; as povoações do Rabaçal e Zambujal, entre outras; as elevações de Germanelo, Jerumelo e Monte de Vez (Figura 21); a Serra da Lousã (desde o São João do Deserto até à Ortiga e Selada de Franco); e, ainda, a esfumar-se no horizonte, os alcantis do Açor e da Estrela, entre outros elementos paisagísticos.

¹⁶ Portaria n.º 270/2013, publicada em Diário da República, II Série, 91: 15038-15039 (disponível em <https://files.dre.pt/2s/2013/05/091000000/1503815039.pdf>; acesso a 07/11/2022).

¹⁷ Foi igualmente a autora do painel de azulejos, com a data de 1929, instalado na parede de base do adro, por iniciativa da Comissão de Iniciativa de Turismo de Coimbra, em homenagem ao cidadão José Pereira Cardoso, pelos “actos de benemerência em favor da sua terra natal”.



Figura 15. Santuário do Senhor da Serra (Miranda do Corvo, 11/2021)



Figura 16. Painel de azulejos no adro do Santuário do Senhor da Serra (Miranda do Corvo, 11/2021)



Figura 17. Estrela e Açor, a fechar o horizonte, desde o adro do Santuário do Senhor da Serra (Miranda do Corvo, 11/2021)



Figura 18. Perspetiva para nascente (ao fundo a Serra da Lousã), a partir do adro do Santuário do Senhor da Serra (Miranda do Corvo, 11/2021)



Figura 19. Miradouro de Chanca (Penela, 11/2021)



Figura 20. Vista parcial do vale do Rabaçal (com a Serra da Lousã em cenário de fundo), a partir do Miradouro de Chanca (Penela, 11/2021)



Figura 21. Rabaçal e elevações de Germanelo, Jerumelo e Monte de Vez, desde o Miradouro de Chanca (Penela, 11/2021)

3.1.4 Alto de São Pedro Dias

Apesar das dificuldades de acesso a veículos que não sejam dotados de tração integral, o Alto de São Pedro Dias (Figura 22) é um miradouro (ainda que sem estrutura formal implementada) com horizonte visual privilegiado para o vale do Alva, a barragem das Fronhas, a plataforma inclinada da Beira Alta, e as serras da Lousã, Açor e Estrela (Figura 23), o qual permite, de igual modo, observar paisagens e distinguir relevos desde a Atalhada-Buçaco até ao Caramulo. Ao percorrermos o setor central da Serra de Alveite, amplia-se o panorama visual dos Penedos de Góis, e já no setor próximo de Olho Marinho são as silhuetas de algumas elevações das serras calcárias de Condeixa-Sicó que fecham a linha do horizonte.



Figura 22. “Mirante” de São Pedro Dias/Alveite (Vila Nova de Poiares, 11/2021)



Figura 23. Vale do Alva e Serras do Açor e da Estrela, desde o Alto de São Pedro Dias/Alveite (Vila Nova de Poiares, 11/2021)

3.2 Policromia da paisagem centrada na vegetação

A alternância cíclica de elementos naturais como as folhas e as flores de diversas plantas empresta um significado especial à paisagem visual, nomeadamente em ambientes rurais e montanhosos. A cor é o elemento visível de maior escala e intensidade da constante transformação da natureza, o que faz da caminhada a melhor forma de contemplação dessas paisagens (Cadilhe, 2006, citado por Pimentel, 2017). Nas Terras do Xisto tomam-se como referência principal¹⁸ os contextos agrícolas e florestais, onde se destacam campos de vinha e espaços florestais com espécies autóctones ou exóticas naturalizadas, na sua maioria integrados em percursos pedestres sinalizados e com excelentes condições de utilização.

3.2.1 Vinhedos de Lamas, Podentes e Rabaçal

Nas freguesias de Lamas, Podentes e Rabaçal (tal como em outras freguesias de Penela) a vinha é um elemento diferenciador da paisagem rural e um pilar da economia e cultura local. A plantação de videiras para produção de vinho está documentada desde o período romano e constitui na atualidade um recurso cada vez mais importante para o território, também pelas possibilidades de integração no enoturismo (embora careça de efetiva estruturação da oferta) e, como é destacado neste particular, pelo valor que acrescenta aos percursos pedestres (formais e informais) que atravessam o território.

No caso de Lamas, a ausência de percursos sinalizados não impede a fruição e o contacto com as vinhas, seja em pontos de observação da paisagem (Figura 24), seja através de caminhos que conduzem aos vinhedos, em particular nos períodos de rebentação e crescimento das folhas, e logo após a colheita das uvas quando as folhas ganham tons amarelados e rubros (Figura 25).

Em Podentes e Rabaçal a oferta de percursos pedestres sinalizados favorece e amplia a experiência sensorial proporcionada pela atividade de caminhar. No primeiro caso, trata-se da etapa entre Condeixa e Penela, denominada Rota do Vinho Terras de Sicó¹⁹, da GR26 (Grande Rota Terras de Sicó²⁰), com 21 km, aconselhando-se (pelo

¹⁸ A título complementar, sugere-se a perceção visual da cor na paisagem urbana, através da vegetação, como, por exemplo, a avenida do Brasil (lagerstroemias, liquidâmbares e magnólias), na Lousã; a avenida Padre Américo, no setor contíguo à ribeira Alheda (carvalhos, choupos e amieiros), em Miranda do Corvo; ou o recinto da capela de Nossa Senhora das Necessidades (eucaliptos, freixos, tílias e plátanos), em Vila Nova de Poiares.

¹⁹ O folheto e os traçados (em formato GPX e KML) encontram-se disponíveis em <http://www.terrasdesico.pt/turismo-rotas/8/rota-do-vinho-terras-de-sico>

predomínio das vinhas) o itinerário entre Podentes e Penela (cerca de 8 km, com variação altimétrica entre 150 e 300 metros), no qual estão metade dos pontos de interesse mencionados no folheto deste percurso, a saber: vinhas de Podentes (Figura 26); pelourinho e igreja paroquial de Podentes (Figura 27); sepulturas antropomórficas do Melhorado; ruínas e lapas do Casal do Melhorado; Penela. Por sua vez, no vale do Rabaçal (Figura 28) encontra-se a GR26, no âmbito da etapa Penela – Alvorge (Rota Queijo Rabaçal²¹), a Rota Carmelita/Caminhos de Fátima (a 28 km do Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, e a 83 km do Santuário de Fátima) e o Caminho de Santiago, com traçados que coincidem (de forma parcial) no território (Figura 29).



Figura 24. Vinha em Chão de Lamas (Miranda do Corvo, 11/2021)

²⁰ A GR26 compreende oito etapas e um total de quase 190, através de todos os municípios das Terras de Sico. “O percurso faz-se por caminhos ancestrais que ligam aldeias e vilas por entre campos de lapiás, bosques, terrenos de cultivo, pastagens e vinhas.” (*Idem*).

²¹ O folheto e os traçados (em formato GPX e KML) encontram-se disponíveis em <http://www.terrasdesico.pt/turismo-rotas/6/rota-do-queijo-rabacal>



Figura 25. Vinhedo no outono (Chão de Lamas/Miranda do Corvo, 11/2021)



Figura 26. Vinha em Podentes (Penela, 11/2021)



Figura 27. Igreja paroquial e freixo monumental de Podentes (Penela, 11/2021)



Figura 28. Vinha no Rabaçal (Penela, 11/2021)



Figura 29. Sinalização da Rota Carmelita e do Caminho de Santiago no Rabaçal
(Penela, 11/2021)

3.2.2 Floresta mista da Lousã

É o antigo cantão florestal das Hortas, a 6,3 km da Lousã e 4,7 km da Catraia²² (nível altimétrico de 935 metros), na direção da qual se estende o seu limite meridional, seguindo as cabeceiras da ribeira da Fórnea, que desvenda e oferece aos viajantes uma das telas paisagísticas com maior alternância e diversidade de cores (odores e sons) em ambiente de bosque/floresta das Terras da Chanfana. A mestria dos Serviços Florestais dotou este espaço, na época muito degradado (como, em geral, as encostas da Serra da Lousã), com espécies autóctones e exóticas que, adaptando-se às condições edafoclimáticas do território, constituem um legado com reconhecido valor natural e paisagístico, a que acresce a construção da estrada florestal Cacilhas – Catraia (estrada das Hortas), a casa do guarda florestal (Figura 30) e espaço adjacente (com tanque, fontenário e leiras agrícolas), o tanque do Cabril (Figura 31) e, mais tarde, o espaço de lazer do Terreiro das Bruxas (Figura 32). É precisamente neste local, a poucos metros

²² Tomando como referência a casa do guarda florestal.

da referida casa, que tem início e fim o percurso pedestre PR7 LSA, sugestivamente denominado “À Descoberta da Floresta”.

Trata-se de um percurso circular, fácil, de quatro quilómetros²³ (duração média de 2,30 horas), com exemplares notáveis de resinosas (cedro-do-Atlas, pinheiro-silvestre, pinheiro-larício, cipreste-de-Lawson, cipreste-do-Buçaco, pseudotsuga, entre outras) e folhosas (como, por exemplo, ácer, castanheiro, carvalho-roble, carvalho-americano, carvalho-negral, faia, bétula, medronheiro) – Figura 33. Se as primeiras lançam na atmosfera odores inconfundíveis (principalmente de abril a outubro), as segundas, na sucessão das estações do ano, emprestam à paisagem uma paleta de cores, desde o verde (quando renascem e crescem as folhas) – (Figura 34) – até ao amarelo, castanho ou vermelho escuro (por ocasião do outono e início do inverno) – Figuras 35 a 37. É neste último período que as folhas, alguns frutos (bolotas e castanhas) e cogumelos cobrem os caminhos como um tapete bordado pela natureza (Figura 38).

A floresta mista constitui igualmente refúgio para diversas espécies de fauna, incluindo algumas com estatuto de proteção, como é o caso da salamandra-lusitânica.



Figura 30. Casa florestal das Hortas (Lousã, 12/2020)

²³ Recentemente foi remodelado, através da integração de parte dos setores nascente e sul do Cantão das Hortas e ampliação para sete quilómetros, com grande benefício para os utilizadores. A informação genérica está disponível em <https://cm-lousa.pt/wp-content/uploads/2022/05/FolhetoGeralRedeDePercursoPedestresDaLous%C3%A3.pdf>.



Figura 31. Tanque do Cabril (Lousã, 11/2021)



Figura 32. Terreiro das Bruxas (Lousã, 05//2022)



Figura 33. Arvoredo (folhosas e resinosas) nas Hortas (Lousã, 05/2022)



Figura 34. Folhagem de carvalho-roble na primavera (Hortas/Lousã, 04/2022)



Figura 35. Contraste cromático da folhagem no outono (Hortas/Lousã, 11/2021)



Figura 36. Castanheiro no outono (Hortas/Lousã, 11/2021)



Figura 37. Folha de plátano-bastardo no outono (Hortas/Lousã, 11/2021)



Figura 38. Tapete de folhas de carvalho-americano no PR7 LSA (Hortas/Lousã, 11/2021)

3.3 Sons e silêncios da paisagem por entre águas, bosques e ruínas

A dimensão sonora da paisagem, não sendo a mais valorizada do nosso tempo, uma vez que a imagem e o visual são na atualidade os domínios privilegiados (Augusto, 2014; Fernandes, 2015), permanece como importante, a par de outros campos sensoriais como os cheiros ou os sabores, e pode assumir um carácter especial quando se pretende o contacto com a natureza.

A água a correr é, porventura, a sonoridade de maior envolvência e atração da paisagem rural. E se o som das linhas de água tem variações significativas em função do caudal também as cores da vegetação e a luz ao longo do ano introduzem motivos redobrados de interesse destes ambientes aquáticos para experiências de enorme valor simbólico. Recurso fundamental para a fixação de população, a água desempenhou um papel decisivo na ocupação e organização espacial, de que resultaram trechos paisagísticos de reconhecido valor cultural, natural e estético, seja pelas (infra)estruturas e equipamentos agrícolas, pré-industriais ou industriais – em boa medida relacionados com irrigação e utilização de energia hidráulica –, seja pela conservação da vegetação ribeirinha, ou conciliando estas duas dimensões, como acontece, em especial, em alguns troços da ribeira de São João / rio Arouce (Lousã), tal como nas ribeiras do Espinho (Miranda do Corvo), da Azenha (Penela) e de Poiares (Vila Nova de Poiares).

Reconhece-se, do mesmo modo, o silêncio como elemento diferenciador da paisagem sonora. Para escutar esse vazio ou ausência de frequência sonora propõe-se a visita a locais abandonados, a ruínas causadas pelo tempo, isto é, as que “(...) resultam da opção das sociedades em interromper os fluxos de investimento em determinados espaços, abrindo com isso caminho à degradação das estruturas sociotécnicas por ação dos agentes naturais” (Gregório, 2019:42-43), através de dois exemplos: a Villa Romana do Rabaçal, em Penela/Condeixa-a-Nova, e a aldeia do Franco, na Lousã.

Será, novamente, a rede de percursos pedestres o fio condutor e suporte para a maioria destas experiências sensoriais.

3.3.1 Sinfonia aquática e vegetação reliquial

A “Rota dos Moinhos”²⁴ (PR1 LSA) e, na continuidade, a “Rota da Levada” (PR3 LSA), configuram propostas de grande alcance para captar e apreciar as

²⁴ A informação atualizada sobre a rede de percursos pedestres da Lousã, no setor da Serra da Lousã, está disponível em <https://cm-lousa.pt/wp-content/uploads/2022/05/FolhetoGeralRedeDePercursosPedestresDaLous%C3%A3.pdf>;

sonoridades da água, através de um percurso linear (com cerca de 10 km e nível de dificuldade crescente – de fácil a médio) que, pelos múltiplos pontos de interesse, pode contribuir para estimular, também, outras dimensões sensoriais. Partindo do coração do centro histórico da Lousã, por entre imóveis civis e religiosos classificados (Figura 39), em poucas centenas de metros se alcança a ribeira de São João e o seu aproveitamento hidráulico, designadamente com a levada (Figura 40) para a fábrica de papel do Penedo (fundada em 1716), sendo ainda visíveis, a montante, antigos moinhos de rodízio, entretanto desativados e em estado de ruína, que acompanham a linha de água rumo ao interior da montanha. Apesar de um pequeno desvio em relação ao traçado original – com ponte, no início da levada, que agora oferece condições de segurança para progressão na margem esquerda da ribeira de São João –, o percurso tem um novo ponto de interesse: a queda de água e o atravessamento da ribeira das Hortas (Figura 41), antes da chegada às Ermidas da Senhora da Piedade, à praia fluvial (com nova cascata, a cerca de 100 metros, desta vez em resultado de um açude – Figura 42), e ao vetusto castelo de Arouce, onde começa a segunda secção desta proposta. O trilho²⁵ avança para a central hidroelétrica da Ermida (a qual produz energia desde 1927) – Figura 43 –, para, após a transposição da ribeira de São João, na encosta sobranceira, conduzir à levada (que alimenta a referida central, a partir da captação de água das ribeiras do Catarredor e da Cerdeira/Candal, e seguir o seu traçado serpenteante (Figura 44) até tomar a direção do Candal (com desvio para apreciar outra queda de água) e da Cerdeira. A flora arbustiva e arbórea, sendo desigual em quantidade e qualidade, tem no setor inicial junto ao alvéolo da fábrica do Penedo, na proximidade da ribeira das Hortas e, principalmente, na vertente onde foi construída a levada (Figura 45), no caminho de acesso bem como junto às aldeias do xisto (Candal e Cerdeira) – Figura 46 –, grandes referências, com exemplares e conjuntos, por vezes notáveis, de sobreiros, azinheiras, adernos, medronheiros, castanheiros, oliveiras, azevinhos, carvalhos, pilriteiros, cerejeiras, loureiros, entre outras espécies, o que constitui um exemplo representativo do coberto vegetal primitivo da Serra da Lousã.

<https://www.google.com/maps/d/embed?mid=1xRkm38ItU93FFIwYjOza1LsS0w&ehbc=2E312F&ll=40.0800664175932%2C-8.20184873469911&z=17>

²⁵ Junto ao castelo de Arouce é necessário seguir a Rota das Aldeias do Xisto (PR2 LSA).



Figura 39. Palácio da Viscondessa do Espinhal, atual Octant Hotel Lousã (07/2023)



Figura 40. Levada da fábrica de papel do Penedo (Lousã, 11/2021)



Figura 41. Cascata da ribeira das Hortas no PR1 LSA (Lousã, 11/2021)



Figura 42. Queda de água perto da praia fluvial da Senhora da Piedade (Lousã, 11/2021)



Figura 43. Central hidroelétrica da Ermida (Lousã, 11/2021)



Figura 44. Troço da levada da central hidroelétrica da Ermida (Lousã, 02/2022)



Figura 45. Folhosas autóctones perto do açude da ribeira da Cerdeira/Candal (02/2022)



Figura 46. Bosquete de folhosas autóctones no Candal (Lousã, 04/2022)

O percurso pedestre “Nos Passos do Moleiro²⁶” (PR2 MCV) constitui a proposta no âmbito desta linha de experiências sensoriais para Miranda do Corvo. Da aldeia do Xisto de Gondramaz, onde está disponível um dos primeiros percursos pedestres acessíveis (Figura 47) de Portugal²⁷, até ao parque de merendas da Chapinha ou ao Espinho, são cerca de 5,6 quilómetros (e outro tanto para regressar ao ponto de partida, pois trata-se de um percurso linear), todavia o traçado é mais exigente e está condicionado (Figura 48) principalmente a jusante do acesso ao Galhardo (esta aldeia pode constituir a porta de entrada ou saída quando o nível das águas não permite a realização do percurso nesse setor). A caminhada revela, a cada passo, os encantos da paisagem e, por isso, oferece diversos pontos de interesse, como os campos agrícolas, os carvalhais e os soutos do Gondramaz (Figura 49); o Penedo dos Corvos (a que se acede através de uma derivação para depois regressar ao trilho principal) – Figura 50; a proximidade e o contacto com linhas de água secundárias (cerca de um quilómetro após o Gondramaz); e, sobretudo, a partir do encontro com a ribeira do Espinho, a seguir ao Galhardo, a sucessão de pequenas cascatas, moinhos (e ruínas de moinhos) e vegetação reliquial, com exemplares notáveis de loureiros, azereiros e outras espécies arbustivas e arbóreas autóctones (Figuras 51 e 52), até abandonar as margens da linha de água (quando se aproxima o final do percurso em sentido descendente).

²⁶ Folheto e traçados disponíveis em <https://aldeiasdoxisto.pt/percurso/2246>

²⁷ “O Caminho do Xisto Acessível do Gondramaz é um percurso pedestre de Pequena Rota (PR), com 450 m de extensão (900 m, ida e volta), de formato linear. Inicia-se junto ao caminho florestal que circunda a aldeia do Gondramaz [com uma importante mancha de castanheiros e carvalhos], e termina no núcleo urbano da aldeia, no extremo inferior da sua principal rua. A conceção deste percurso teve em especial atenção a sua acessibilidade a qualquer pessoa, independentemente das suas limitações (motora, auditiva, visual ou compreensiva). Os equipamentos, nomeadamente os sanitários públicos existentes na aldeia foram também adaptados a pessoas com incapacidade.”

“O percurso possui um pavimento sensorial, possibilitando através da diferença de texturas, orientar as pessoas invisuais, tornando assim possível a sua utilização de uma forma autónoma. Para além da orientação, as diferentes texturas alertam os invisuais para a consulta de áudio-guias fornecidos gratuitamente em diversos pontos de recolha (Posto de Turismo de Miranda do Corvo, Quinta da Paiva – M. do Corvo e Restaurante Pátio do Xisto – Gondramaz). A zona de acolhimento tem um bom acesso automóvel e possui dois lugares de estacionamento destinados a pessoas com incapacidade.” (<https://cm-mirandadocorvo.pt/1366/caminho-do-xisto-acessivel-do-gondramaz---pr1-mcv>; consultado a 16/11/2022).

A brochura e o *track* (em formato GPX) para GPS está disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/percurso/2221>



Figura 47. Pormenor (piso) do percurso pedestre acessível do Gondramaz (Miranda do Corvo, 05/2021)



Figura 48. Informação sobre troço condicionado do PR2 MCV (05/2021)



Figura 49. Gondramaz (Miranda do Corvo, 11/2021)



Figura 50. Sinalética direcional de acesso ao Penedo dos Corvos (05/2021)



Figura 51. Pequena cascata na ribeira do Espinho (Miranda do Corvo, 11/2021)



Figura 52. Loureiros na ribeira do Espinho (Miranda do Corvo, 11/2021)

No Espinhal (Penela) recomenda-se o percurso pedestre que acompanha a ribeira da Azenha²⁸, desde a praia fluvial da Louçainha até ao parque verde da Quinta da Cerca, com um formato linear, uma extensão aproximada de 6,2 km e um elevado grau de dificuldade no setor entre a Louçainha e a Pedra da Ferida. Tomando como exemplo o sentido descendente (que não é o mais fácil), o percurso tem início junto aos espelhos de água e área de lazer da Louçainha (Figura 53), de onde segue ao longo das margens da ribeira da Azenha – as estruturas de madeira (pontes) que foram adicionadas (Figura 54) são fundamentais para a realização da travessia em condições de segurança –, por entre ruínas de antigos moinhos (Figura 55), socalcos abandonados e vegetação, principalmente arbustiva e arbórea, de grande qualidade e carácter reliquial (castanheiros, carvalhos-negrais, carvalhos-alvarinhos, loureiros, adernos, azereiros, medronheiros, amieiros, entre outras espécies) – Figuras 56 e 57 –, apesar de estar reduzida a uma faixa de poucos metros em cada uma das margens, afinal o resultado da alteração profunda da composição do espaço florestal envolvente. Antes de abandonar o setor de maior declive e encaixe da (localmente) denominada Serra do Espinhal, e tendo já percorrido cerca de 2,6 km, a linha de água surpreende o visitante com a cascata da Pedra da Ferida (rutura de declive com 25 metros) – Figura 58 –, em local de elevada dificuldade técnica e física do percurso (com a particularidade de estar condicionado uma parte do ano, em função do caudal da ribeira), ainda num contexto de enorme valor florístico (com predomínio de loureiros – Figura 59) e faunístico, o que dará lugar, após o parque de merendas (Figura 60) e estacionamento, a um estradão, cujo traçado acompanha a linha de água (mantendo visível a galeria ripícola e o contraste com a restante vegetação que cobre as encostas sobranceiras), seguindo até perto do largo do Fundo do Calvário, quando já se anuncia a proximidade do final do percurso.

²⁸ Trata-se do PR2 PNL “Da Pedra da Ferida à Louçainha”, cujo folheto e traçados estão disponíveis em <https://www.visitepenela.pt/percurso-8>



Figura 53. Painel do PR2 PNL na Louçainha (Penela, 11/2021)



Figura 54. Ponte de madeira no PR2 PNL (Penela, 11/2021)



Figura 55. Antigo moinho em ruínas no PR2 PNL (Penela, 11/2021)



Figura 56. Vegetação reliquial no PR2 PNL próximo da Louçainha (Penela, 11/2021)



Figura 57. Folhas de carvalho-negral no PR2 PNL (Penela, 11/2021)



Figura 58. Cascata da Pedra da Ferida (Penela, 11/2021)



Figura 59. Loureiros no PR2 PNL, junto à cascata da Pedra da Ferida (Penela, 11/2021)



Figura 60. Parque de merendas no PR2 PNL, perto da Pedra da Ferida (Penela, 11/2021)

Por sua vez, a “Ribeira de Poiares²⁹” (PR2 PRS) é um percurso pedestre linear, maioritariamente à borda da água, com extensão aproximada de 7,6 km (ou 11,2 km com as variantes PR2.1 a PR2.5) e de baixo nível de dificuldade, que estabelece a ligação entre o Jardim Municipal de Vila Nova de Poiares (onde se destaca o monumento de homenagem às artes e ofícios tradicionais e ao Poiarense – Figura 61) e o Louredo Natura Parque (no limite do concelho, junto ao rio Mondego) – Figura 62. Como pontos de interesse o folheto deste percurso pedestre integrado nas projeto das “Serras de Coimbra” (da CIM da Região de Coimbra), destaca (com o conjunto das variantes) a ribeira de Poiares, uma vez que é o fio condutor e inspiração do próprio percurso; a “ponte romana”; a galeria ripícola (Figura 63), formada principalmente por salgueiros, freixos, amieiros, choupos, carvalhos-alvarinhos, sanguinhos e sabugueiros; o moinho da Rosa (Figura 64) e o lagar fundeiro, embora ambos em ruína; a cascata da Ervideira; e o Louredo Natura Parque (área de lazer com diversas infraestruturas de apoio), onde tem início o percurso PR1 PRS (igualmente linear, com 9,5 km) que, encosta acima, conduz ao monumento aos Aviadores³⁰, na Serra do Carvalho. A parte final da “Ribeira de Poiares” tem a particularidade de coincidir, em cerca de 800 metros, com a EN2 (Rota) – Figura 65 –, antes de entrar no derradeiro troço junto à margem sul do Mondego (Figura 66).

3.3.2 Ruínas... entre silêncio, luz e sombra

Os resultados dos trabalhos arqueológicos desde 1984 até ao presente, o interesse e apoio da Câmara Municipal de Penela, e a implementação de programas de base territorial para valorização de recursos endógenos (com financiamento nacional e da União Europeia), são elementos fundamentais para explicar as iniciativas de proteção e valorização patrimonial da Villa Romana do Rabaçal.

²⁹ Folheto disponível em http://cm-vilanovadepoiares.pt/images/visitantes/Percursos_Pedestres/folheto_PT_Ribeira_Poiares.pdf

³⁰ “Em homenagem ao mais trágico acidente da aviação militar portuguesa, e um dos maiores a nível mundial, ocorrido em 1 de julho de 1955, na serra do Carvalho, que envolveu o despenhamento de oito aviões e o conseqüente falecimento dos oito pilotos. Todos os anos, a 1 de julho, a Força Aérea Portuguesa, o Município de Vila Nova de Poiares e a população local assinalam a data em cerimónia militar e religiosa. O monumento contempla um cruzeiro, em pedra, desenhado no solo (visível do ar) e uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora do Ar” (<https://visitregiaodecoimbra.pt/turismo-de-natureza/pr1-prs-serra-do-carvalho/>; consultado a 18/11/2022).



Figura 61. Monumento de homenagem ao Poiarense (Vila Nova de Poiares, 11/2021)



Figura 62. Painel do PR2 PRS no Louredo Natura Parque (Vila Nova de Poiares, 11/2021)



Figura 63. Galeria ripícola junto à “ponte romana” (Vila Nova de Poiares, 11/2021)



Figura 64. Sinalização do moinho da Rosa no PR2 PRS (Vila Nova de Poiares, 11/2021)



Figura 65. PR2 PRS no atravessamento da EN2 (Vila Nova de Poiares, 11/2021)



Figura 66. PR2 PRS junto ao rio Mondego (Vila Nova de Poiares, 11/2021)

O atual estatuto de classificação (monumento nacional) reconhece que este sítio arqueológico constitui “(...) um modelo exemplar da conceção de vida, da variedade e da riqueza material das residências rurais aristocráticas da Antiguidade Tardia da Lusitânia, reproduzindo modelos arquitetónicos urbanos e eruditos que se conjugam com a sua implantação, subordinada à necessidade de cativar os recursos naturais existentes para o funcionamento das estruturas hidráulicas do complexo termal e de uma quinta agrícola.”, com a particularidade de incluir “(...) excecionais mosaicos, considerados como o único conjunto de arte proto-bizantina até agora descoberto em Portugal, e um dos poucos exemplares conservados na Europa (...)”, conforme consta do Decreto n.º 12/2021, de 07 de junho (Diário da República, I Série, 109:41).

De acordo com a Direção-Geral do Património Cultural³¹, a Villa Romana do Rabaçal “(...) é um museu polinucleado distribuído por três polos principais: o Espaço-museu/núcleo-sede, a Estação arqueológica da Villa tardo-romana do Rabaçal [Figura 67] e o Miradouro de Chanca”. O Espaço-Museu (Figura 68), situado na rua da Igreja (Rabaçal), constitui um centro de interpretação (aberto ao público desde 5 de maio de 2001), onde foram reunidos e estão organizados em edifício próprio (criado de raiz) os achados recolhidos no sítio arqueológico. “É, por isso, fundamental a visita aos outros dois núcleos, locais de origem e espaço de compreensão destes objectos. Assim sugerimos, num primeiro tempo, a visita à estação arqueológica (Lugar da Ordem / Rabaçal) que inclui a residência senhorial, o balneário, a área rústica e os sistemas elevatórios de água e, num segundo tempo, o acesso à vista panorâmica de Chanca, com belver sobre a paisagem, vias e povoamento. Fique e encante-se com o silêncio desta paisagem cársica, seca, cinza, sinuosa e nua, talhada por muitos, durante séculos.”³²

³¹ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-da-villa-romana-do-rabacal/> ; consultado a 18/11/2022.

³² <https://www.cm-penela.pt/artigo-177-0> ; consultado a 18/11/2022.

Este site disponibiliza informação sobre contactos, horários e valor de entrada, assim como oferece a possibilidade de visita virtual à Villa Romana do Rabaçal, através de vídeo, com 11 minutos, na plataforma YouTube.



Figura 67. Entrada da Villa Romana do Rabaçal (Penela, 11/2021)



Figura 68. Espaço-museu da Villa Romana do Rabaçal (Penela, 11/2021)

As ruínas da aldeia do Franco³³ são uma oportunidade para escutar a natureza da Serra da Lousã e admirar os traços e formas ainda visíveis de uma paisagem cultural. Ao contrário das suas congéneres requalificadas e integradas na Rede das Aldeias do Xisto, os dois pequenos conjuntos que outrora formaram o lugar do Franco permanecem abandonados³⁴ e até desconhecidos para a maioria dos residentes, quer na Lousã, quer na região.

Para experienciar de forma plena não só o lugar como a sua envolvente, sugere-se uma caminhada pelos trilhos da montanha. Tendo como ponto de partida o estacionamento à entrada da Cerdeira, a cerca de 670 metros de altitude, é necessário seguir o troço local da Grande Rota das Aldeias do Xisto, que nesta etapa, até à Comareira (Góis), cruza o Franco de Cima. A primeira secção, com extensão inferior a 2 km e desnível superior a 200 metros, é uma subida exigente, permitindo observar, de perto, o que resta de outra antiga aldeia (a Silveira, também desdobrada em dois núcleos de povoamento). As sonoridades são marcadas, principalmente, pela passagem do vento no povoamento de pinheiro-bravo e nos aerogeradores que dominam a paisagem. O Pico da Ortiga (a 928 metros de altitude) assinala a transição para a segunda secção do percurso – ligeiramente maior, embora com perfil altimétrico mais favorável –, o qual, contornando, pelo norte, a Selada de Franco, vai atravessar uma mancha florestal mista (do antigo cantão florestal do Estoirão), onde se destacam pseudotsugas, bétulas, castanheiros, carvalhos, entre outras espécies que favorecem a fauna e a biodiversidade. A chegada ao Franco de Cima (760 metros de altitude) – Figura 69 – revela uma nova sonoridade: a água a correr e a despenhar-se em pequenas cascatas (Figura 70) – não fosse a área entre as aldeias e a cumeada (Relva de Franco, Selada de Franco e Lomba do Mouro) o setor mais meridional (cabeceira) da bacia hidrográfica da ribeira Maior –, num reinado absoluto, só quebrado, pontualmente, pelos sons de aves e de outros animais selvagens. Na teia destas ruínas, que foram edificações (Figura 71), currais, eiras, socalcos, caminhos, enfim, espaços de vida (com muitas angústias, dificuldades e privações) está sepultado um silêncio ensurdecedor. E talvez a envolvente verde, com

³³ Sem referência no Numeramento ou Cadastro da População do Reino (1527), são os registos paroquiais e outros documentos, como, por exemplo, o “Tombo dos bens e propriedades da Câmara e concelho desta villa da Louzan” (1687), as primeiras evidências da fixação de população no Franco, a partir do século XVII.

³⁴ A aldeia registou o seu máximo demográfico em 1940, com 59 habitantes. Desde 1981 não tem registo oficial de população residente.

bosquetes de folhosas autóctones (Figura 72), configure a luz de uma sombra que parece olhar sem ver, e ouvir sem escutar.



Figura 69. Vista parcial do Franco de Cima (Lousã, 01/2019)



Figura 70. Cascata junto ao Franco de Cima (Lousã, 01/2019)



Figura 71. Ruína de antiga habitação no Franco de Baixo (Lousã, 01/2019)



Figura 72. Bosquete de folhosas autóctones no Franco de Cima (Lousã, 01/2019)

3.4 Pôr as mãos na matéria

A participação em atividades imersivas no contexto de eventos ou no âmbito de agentes ou operadores de serviços, é cada vez mais importante e responde a objetivos de aprendizagem, interpretação e fruição da população. Nas Terras da Chanfana ainda não está estruturada uma oferta deste tipo de atividades com abrangência geográfica e capacidade de integrar os principais recursos diferenciadores e atores do território, pelo que, para estimular e proporcionar experiências de contacto que valorizam a aprendizagem e a criatividade, a sugestão é a aldeia de xisto da Cerdeira e o projeto “Cerdeira Home for Creativity³⁵” (Figuras 73 e 74).

Esta pequena aldeia da Serra da Lousã, com um percurso notável nas últimas duas décadas, constitui um excelente exemplo não só de requalificação do espaço construído como de valorização dos recursos endógenos, através iniciativas centradas na natureza e criatividade para proporcionar experiências inesquecíveis. Do conjunto de serviços relacionados com as valências (alojamento, atividades, eventos, escola, residências artísticas, retiros para empresas) da “Cerdeira Home for Creativity”, destacam-se as experiências criativas e os cursos e *workshops*.

As primeiras, com base em técnicas tradicionais, abrangem atividades³⁶ como o figurado em cerâmica, a iniciação à roda de oleiro, a cozinha regional (chanfana³⁷, compota), os brinquedos em madeira e as casinhas de xisto. Os segundos, abrangendo temas³⁸ como a cerâmica, a madeira, as artes visuais e outros saberes, decorrem na “(...)

³⁵ Implementado a partir de 2018, na sequência do projeto “Cerdeira Village” (de 2012). A recuperação de casas, a fixação de novos residentes e o interesse pelas artes são elementos cruciais para explicar o renascimento desta aldeia, que muito beneficiou com a sua integração nas Aldeias do Xisto.

³⁶ “Não é necessária qualquer experiência prévia, o mais importante é divertir-se! Cada experiência tem a duração de 2h30m e um custo de €35/pessoa. Crianças até aos 11 anos podem participar por €25, desde que acompanhadas por 1 adulto pagante” (<https://www.cerdeirahomeforcreativity.com/atividades-e-percursos-pedestres#experiencias-criativas>; consultado a 08/12/2021).

³⁷ Esta experiência inclui “aprender a temperar a carne de cabra e colocá-la nas caçoilas de barro negro, acender o forno tradicional a lenha e cozer a chanfana durante 4 horas. No final, vamos comer!” (*Idem, ibidem*).

³⁸ O calendário para 2022 (janeiro a novembro) inclui as seguintes ações: introdução à talha em madeira (29 e 30 de janeiro); introdução à cerâmica (2 a 6 de fevereiro); escultura em madeira (09 a 13 de fevereiro); *raku* e taças *shawan* (25 a 27 de março); introdução roda de oleiro (13 a 17 de abril); talha em madeira de castanho (22 a 25 de abril); cestaria com fibras vegetais (17 a 22 de maio); cerâmica e natureza (24 a 29 de maio); trabalho em madeira verde (4 e 5 de junho); faz a tua cadeira (07 a 12 de junho); escultura em cerâmica (13 a 21 de junho); *raku* e taças *shawan* (22 a 24 de julho); cerâmica e cozedura a lenha (1 a 08 de agosto); cerâmica japonesa (13 a 20 de agosto); introdução à cerâmica (28 de outubro a 1 de novembro); fornos rudimentares (4 a 6 de novembro), conforme informação disponível em <https://www.cerdeirahomeforcreativity.com/escola-artes-e-oficios#cursos-workshops> (consultado a 08/12/2021).

Escola de Artes e Ofícios [que, por sua vez,] é um espaço para o ensino de técnicas que resultam de linhagens intemporais e, ao mesmo tempo, um lugar de criatividade e arte alinhado com o diálogo contemporâneo com uma oferta de workshops de iniciação de 1 ou 2 dias e cursos de maior duração (5-8 dias), que permitem maiores avanços técnicos, mergulhar no trabalho criativo e levar para casa o seu trabalho finalizado³⁹.

Por outro lado, o festival de artes “Elementos à Solta – *Art Meets Nature*” reúne criadores contemporâneos de diversas áreas culturais, o que faz da Cerdeira uma verdadeira galeria de arte ao ar livre, com exposições e mostras, oficinas de experimentação, palestras e conversas, petiscos e provas de produtos endógenos, música, poesia e teatro. A última edição (14.^a), com o sugestivo título “Reconstrução do Mundo”, decorreu nos dias 23 a 25 de julho de 2021.



Figura 73. Cerdeira (Lousã, 02/2019)

As condições para a realização destas atividades estão, igualmente, definidas no referido *site*.

³⁹ <https://www.cerdeirahomeforcreativity.com/escola-artes-e-oficios#cursos-workshops> (consultado a 08/12/2021).



Figura 74. “Cerdeira Home for Creativity” (Cerdeira/Lousã, 09/2018)

3.5 Apreciar sabores autênticos

Quanto às experiências gustativas recomenda-se a apreciação das principais iguarias gastronómicas das Terras da Chanfana, através da informação disponibilizada pelos respetivos municípios (na página da internet), a qual compreende unidades de restauração, pastelarias e eventos temáticos (com envolvimento de entidades como câmaras municipais, juntas de freguesia, Dueceira, Terras de Sicó, entre outras).

O foco da oferta diferenciadora consiste na gastronomia típica do território, destacando-se, como pratos principais, a chanfana (Figura 75), os negalhos e o cabrito assado; como sobremesas, a tigelada e a nabada; como entradas, o queijo Rabaçal; como acompanhamento das refeições, os vinhos Terras de Sicó ou Quinta de Foz Arouce; e como digestivo, o Licor Beirão.

Tendo em vista a diversificação e aprofundamento deste tipo de experiências, tal como as que dizem respeito a outros domínios sensoriais, que se pretendem autênticas, únicas e inesquecíveis, seria importante a estruturação de uma oferta personalizada (à medida), capaz de proporcionar a realização de atividades, como, por exemplo, provar mel (diretamente dos favos), degustar chanfana ou outra iguaria proveniente de forno a lenha, acompanhar o pastoreio de um rebanho, moldar peças de barro, moer cereal em

moinho movido a água ou vento, ou participar da produção artesanal de queijo, com a integração de agentes locais e a valorização dos saberes-fazer. Não sendo elevado esse número, maior é a pertinência da missão, o que justifica a criação de uma rota temática como a que é proposta oportunamente neste trabalho.



Fonte: <https://aldeiasdoxisto.pt/artigo/531>

Figura 75. Chanfana

3.6 Mergulhar nas fragâncias do mundo rural

Para estimular o olfato e proporcionar experiências olfativas sugere-se o ambiente rural (agrícola e florestal) das Terras da Chanfana. Em percursos informais ao ar livre ou através de trilhos pedestres sinalizados é inevitável o encontro com os cheiros (e cores) da terra que emanam de ervas aromáticas (alecrim – Figura 76 –, tomilho, erva-cidreira, hortelã, só para dar alguns exemplos), cujas folhas são tão importantes na culinária; de plantas silvestres como a urze, a carqueja, o tojo ou a giesta, cujas flores, com tonalidades tão características ao longo do ano, espalham magia cromática pela paisagem (Figuras 77 e 78); de resinas de essências florestais, principalmente pinheiros-silvestres, pinheiros-negros, pseudotsugas, cedros e ciprestes, que são inconfundíveis nos territórios onde ocorrem (por exemplo, nos antigos cantões

florestais que sobreviveram aos efeitos dos incêndios); da floração perfumada de frutícolas, com destaque para os citrinos (laranjeiras, limoeiros, tangerineiras e clementeiras), e de forma mais discreta (mas visualmente muito atrativa) as cerejeiras, ameixeiras (Figura 79), marmeleiros, pessegueiros, macieiras, pereiras, entre outras; ou da flor igualmente perfumada de árvores como as tílias, que também se encontram em espaços públicos ajardinados.

Neste campo de propostas para estimular o sentido olfativo, atendendo à originalidade da iniciativa, faz-se referência ao “Labirinto, Roseiral e Horta” do Parque Biológico da Serra da Lousã⁴⁰, em Miranda do Corvo.

“Antes de chegar ao Parque Selvagem, vão encontrar um labirinto de árvores de fruto, uma experiência única no Mundo onde, em todas as estações, poderão aprender a reconhecer várias árvores de fruta, as suas folhas, flores, frutos e aromas. O labirinto consiste em 16 corrimões que ocupam um quadrado com 1000 m², com 320 árvores de espécies distintas como cerejeiras, pessegueiros, amendoeiras, noqueiras, aveleiras, marmeleiros, entre outras! Anexo ao labirinto existe um roseiral, com 400 m² de pura beleza entre as múltiplas variedades de roseiras de cores [Figura 80], formas e cheiros diferentes que ali se encontram. Também uma pequena horta se encontra adjacente mostrando algumas variedades de produtos hortícolas presentes na nossa dieta.”⁴¹

⁴⁰ A informação sobre horário de funcionamento e condições de visita são disponíveis em <https://parquebiologicoserralousa.pt/index.php/parque/quinta-pedagogica/labirinto-roseiral-e-horta>; consultado a 19/11/2022.

⁴¹ <https://parquebiologicoserralousa.pt/index.php/parque/quinta-pedagogica/labirinto-roseiral-e-horta>; consultado a 19/11/2022.



Figura 76. Alecrim (Lousã, 12/2021)



Figura 77. Giesta (Lousã, 06/2021)



Figura 78. Urze em flor (Lousã, 04/2021)



Figura 79. Flor de ameixeira (Lousã, 03/2021)



Figura 80. Rosas vermelhas (Miranda do Corvo, 05/2021)

3.7 Emoções na natureza

3.7.1 Explorar o interior da terra

O mundo subterrâneo, “que inclui grutas, algares e outras cavidades naturais ou artificiais”⁴², não obstante a sua fragilidade ecológica e os riscos para quem o explora/visita, constitui um ambiente de fascínio. No caso das Terras da Chanfana a referência incontornável é o Centro de Interpretação do Sistema Espeleológico do Dueça (CISED), situado em Taliscas/Ferrarias (Penela) – Figura 81. Trata-se do “(...) maior sistema subterrâneo conhecido no maciço [de Sicó] e um dos maiores de Portugal, totalizando cerca de 9 km de galerias conhecidas (...), [com] várias cavidades de natureza cárstica, entre as quais se destacam o Olho do Dueça, a Gruta de Algarinho, o Soprador do Carvalho (também conhecido como a Grande Gruta Talismã), e o Sumidouro da Várzea. Além dos aspetos geológicos e morfológicos, as grutas são igualmente importantes sob o ponto de vista biológico e ecológico, sendo muitas vezes

⁴² https://www.fpe-espeleo.org/index.php?option=com_content&view=article&id=138&Itemid=267; consultado a 19/11/2022.

dotadas de espécies únicas, resultantes de condições ambientais muito específicas. Entre outras atividades, o Centro de Interpretação do Sistema Espeleológico do Dueça promove visitas guiadas sob orientação de técnicos especializados.”⁴³



Fonte: <https://visitregiaodecoimbra.pt/cultura-e-patrimonio/roteiros-de-3-dias/herancas-antigas-e-doces-paixoes/penela/cised-centro-de-interpretacao-do-sistema-espeleologico-do-dueca-grutas/>

Figura 81. CISED (Penela, s/d)

3.7.2 Aventura na copa das árvores

Subir às árvores ou realizar passagens, em altura, entre diversas árvores, com recurso a escadas, redes, pontes suspensas, passadiços, entre outros apoios, configura a atividade denominada arborismo. Cada percurso tem um nível de nível de dificuldade associado, o qual “(...) vai sendo progressivamente maior, uma vez que o desafio dos

⁴³ De acordo com <https://visitregiaodecoimbra.pt/cultura-e-patrimonio/roteiros-de-3-dias/herancas-antigas-e-doces-paixoes/penela/cised-centro-de-interpretacao-do-sistema-espeleologico-do-dueca-grutas/#> (consultado a 20/11/2022). O contacto para visita é o Posto de Turismo de Penela (351 239 561 132).

jogos/travessias vai sendo cada vez mais exigente e a altura ao chão vai também aumentando (...)"⁴⁴.

O ExperTree Park⁴⁵, no Parque Verde da Quinta da Cerca (Espinhal), em Penela, dispõe de 8 percursos independentes, 60 jogos e 19 slides (Figuras 82 e 83). “Ao fazer a atividade, neste tipo de parque temático, emoções e sensações como a superação, confiança e autoconhecimento, espírito de grupo e bem-estar emocional generalizado, acabam por surgir a quem experimenta e/ou faz com regularidade. Fazer Arborismo também é pedagógico e transformador positivamente no que se refere aos receios de estar em altura em relação ao solo. Porque existe franca superação! Como tem muita aventura e o facto de se estar no meio da natureza o nosso convite fica feito para vires experimentar testar as capacidades e certamente superá-las!”⁴⁶



Figura 82. ExperTree Park (Espinhal/Penela, 11/2021)

⁴⁴ <https://www.expertree.pt/arborismo> (consultado a 20/11/2022).

⁴⁵ Horários e condições de admissão em <https://www.expertree.pt/arborismo> (consultado a 20/11/2022).

⁴⁶ *Idem.*



Figura 83. Pormenor de apoios para arborismo do ExperTree Park (Espinhal/Penela, 11/2021)

3.7.3 Descer rios e ribeiras

A caminhada aquática é uma forma inovadora de explorar a paisagem fluvial através da progressão a pé no leito de uma linha de água, mediante equipamento adequado e com guias especializados. Considerada como uma atividade radical ou de aventura, com exigência de destreza física, pode ser realizada em família ou em grupo, e geralmente está associada a descidas com desníveis pouco acentuados, transposição de obstáculos naturais e artificiais, pequenos saltos para a água, tal como permite observar espécies de fauna e flora raras (melro de água, guarda-rios, garça-real, feto-real, azereiros, loureiros, entre outras).

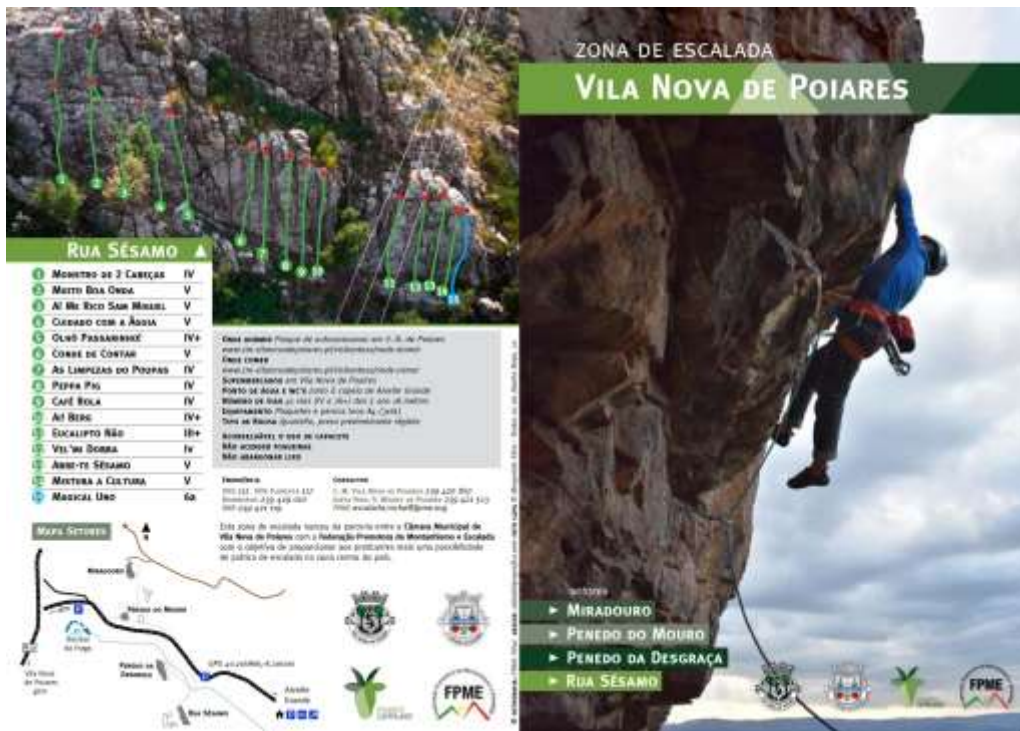
Na atualidade a oferta de serviços para realização desta atividade nas Terras da Chanfana é limitada, conhecendo-se, apenas, uma proposta para ribeira da Vergada⁴⁷ (Talasnal/Lousã).

⁴⁷ <https://www.odisseias.com/aventura-e-actividades/experiencia/caminhada-aquatica-na-lousa-ou-gois-5-horas/169525>; consultado a 15/12/2021.

3.7.4 Escalar penedos

A escalada é uma atividade de “(...) progressão, com possível risco de queda, num terreno rochoso, nevado, gelado ou misto, de inclinação acentuada, na vertical, em subprumo ou mesmo em teto, usando os pés e as mãos e geralmente também material de segurança e/ou progressão”, como explica a Federação Portuguesa de Campismo e Montanhismo⁴⁸.

No território destaca-se a Zona de Escalada de Vila Nova de Poiares (cuja inauguração decorreu a 03 de agosto de 2020), localizada junto ao complexo de piscinas da Fraga. Aproveitando afloramentos rochosos quartzíticos oferece 41 vias distribuídas por 4 setores⁴⁹ (Miradouro, Penedo do Mouro, Penedo da Desgraça e Rua Sésamo) – Figura 84.



Fonte: <https://www.jfsaomiguelpoiares.pt/zona-de-escalada-da-fraga-freguesia-de-sao-miguel-de-poiares/>

Figura 84. Zona de escalada da Fraga (Vila Nova de Poiares, 2021)

⁴⁸ <http://www.fcportugal.com/Escalada.aspx>; consultado a 20/11/2022.

⁴⁹ Folheto informativo disponível para download em <http://cm-vilanovadepoiars.pt/images/temas/croqui-poiars-A4-web.pdf>

Este último setor “(...) é o ex-libris desta zona para a iniciação à escalada, oferecendo aos praticantes de todas as faixas etárias, quinze vias com ratio de dificuldade do III grau ao 6a - é sem dúvida o sector onde o conceito “escalada em família” serve na perfeição. Tem a particularidade da existência de duas vias que permitem a iniciação à escalada “multi-largos”⁵⁰. Com efeito, “as particularidades da rocha e das vias propriamente ditas permitem o contacto com modalidade para diferentes níveis de experiência dos escaladores, sendo que, a maioria das vias são para o nível de iniciação, estabelecendo assim uma identidade própria”⁵¹.

3.7.5 Abraçar árvores notáveis

O *geocaching* constitui uma espécie de caça ao tesouro dos tempos modernos (Curato, 2012). O objetivo do jogo é encontrar objetos georreferenciados (*geocaches*), escondidos em locais públicos, a partir do acesso aos dados publicados no *site* *geocaching.com* (Fernandes, 2013) e recolhidos pelos utilizadores com um dispositivo com sistema recetor de GPS, que em seguida registam e partilham a sua visita/experiência com a comunidade *geocacher* (Rosário *et al.*, 2019).

Como dimensão inovadora desta atividade salienta-se um novo tipo de *geocache*, com a designação de *biocache*, direcionada para a valorização da flora autóctone, nomeadamente as árvores notáveis/monumentais (Alves e Carvalho, 2015). O arvoredado notável é parte da normativa nacional de salvaguarda patrimonial e configura uma oportunidade para fomentar o conhecimento, apreciação e divulgação de espécies que, pela sua idade, porte, estrutura, raridade, ligação a acontecimentos históricos ou interesse paisagístico, apresentam um inegável interesse público.

É neste contexto que se justifica a referência à rede de *geocaching* (com uma dezena e meia de *geocaches*) que visa dar a conhecer o arvoredado notável do concelho da Lousã⁵² (Figura 85), em três “unidades” de paisagem: Serra, Vila e Bacia Sedimentar, com o propósito de catalogar exemplares relevantes, desenvolver laços de afinidade

⁵⁰ <http://cm-vilanovadepoiars.pt/noticias2-2/2690-vila-nova-de-poiars-cria-zona-de-escalada-com-41-vias>; consultado a 20/11/2022.

⁵¹ <https://www.fpme.org/webpu/index.php/49-escalada-em-rocha/433-zona-de-escalada-da-fragada-pena-vila-nova-de-poiars>; consultado a 20/11/2022.

⁵² A informação sobre a atividade e esta rede de *geocaching* está disponível em [https://www.geocaching.com/play/search?owner\[0\]=LousaHeritage&a=0&sort=PlaceDate&asc=False](https://www.geocaching.com/play/search?owner[0]=LousaHeritage&a=0&sort=PlaceDate&asc=False). Para aceder é necessário a realização de registo (sem qualquer custo para o utilizador).

entre o cidadão e o património fitogeográfico, e promover o conhecimento da relação cultural entre cada árvore e o seu contexto paisagístico.



Figura 85. Loureiro na quinta do Palácio (Lousã, 07/2023)

3.8 Rota das Terras da Chanfana

Tal como mencionado anteriormente, considera-se importante a integração e valorização dos recursos diferenciadores, assim como a gestão e promoção conjunta do território, através da Dueceira, com um novo patamar de experiências singulares e autênticas, o que justifica a apresentação de uma proposta para criar uma rota temática dedicada à chanfana, que hoje constitui uma referência de identidade⁵³ e uma imagem de marca da região.

A Rota das Terras da Chanfana pretende constituir-se como uma rota turística que interliga o território de quatro municípios e que se estende do Rabaçal/Sicó até à Serra da Lousã, com a particularidade de convidar à descoberta, interpretação e fruição

⁵³ Como elemento identitário regional, a chanfana conheceu um impulso significativo na última década. Para além da candidatura conjunta dos municípios de Góis, Lousã, Miranda do Corvo e Vila Nova de Poiares, ao concurso das “7 Maravilhas da Gastronomia” (em 2011, quando foi finalista na categoria de prato de carne), é necessário mencionar a sua consagração nas “7 Maravilhas à Mesa” (em setembro de 2018), na sequência da candidatura organizada pela Dueceira, a qual conduziu também ao registo da marca Terras da Chanfana.

do seu património singular, centrado em especial no saber-fazer. Através de um percurso, com formato circular, os visitantes são convidados a contactar, conhecer e viver experiências simbólicas e criativas *in loco*.

Diferenciando-se por valorizar elementos nucleares do património cultural, a Rota terá como fio condutor os produtores de vinho, os oleiros, os criadores de gado ovino e caprino, as queijarias tradicionais, os apicultores, as confrarias, os patrimónios arquitetónicos associados (Mosteiro de Santa Maria de Semide e Quinta do Conde de Foz de Arouce), os locais de degustação de iguarias gastronómicas tradicionais, através de um contexto geográfico associado a paisagens e produtos de qualidade, parte dos quais já reconhecidos através de estatutos de proteção/classificação como a Serra da Lousã e as Serras de Sicó/Alvaiázere (Rede Natura 2000 e futuras paisagens protegidas regionais – processos em curso), o mel Serra da Lousã (Denominação de Origem Protegida), o vinho da sub-região Terras de Sicó (no âmbito da Indicação Geográfica Beira Atlântico), o queijo Rabaçal (Denominação de Origem Protegida), através de uma narrativa que pretende aumentar a atratividade do destino turístico, proporcionar experiências e vivências criativas e de grande valor simbólico aos turistas, e aumentar o seu tempo de permanência no território.

A configuração da Rota das Terras da Chanfana deverá integrar diversos espaços, equipamentos, infraestruturas e agentes/atores dos municípios de Lousã, Miranda do Corvo, Penela e Vila Nova de Poiares, tendo em consideração:

– A especialização criativa ou produtiva local, nomeadamente Olho Marinho e São Miguel (Vila Nova de Poiares) – olaria de barro preto⁵⁴ (Figura 86); Foz de Arouce (Lousã) – vinho da Quinta do Conde de Foz de Arouce; Chiqueiro (Lousã) e Alveite/Bidueiro (Vila Nova de Poiares) – gado caprino (Figura 87); Carapinhã (Miranda do Corvo) – olaria de barro vermelho (Figura 88); Lamas (Miranda do Corvo) e Podentes (Penela) – vinho Terras de Sicó; Rabaçal (Penela) – queijo (Figura 89) e gado caprino e ovino.

⁵⁴ Segunda a Câmara Municipal de Vila Nova de Poiares, o barro preto de Olho Marinho, através do oleiro Fernando Correia, é o primeiro em Portugal a obter certificação de produção artesanal nesta categoria, estando “(...) também em curso um processo de certificação de outra unidade de produção artesanal relacionada com o Barro Preto, nomeadamente a oleira Judite Pereira, artesã do Centro Difusor de Artesanato da ADIP (Associação de Desenvolvimento Integrado de Poiares), e que a par de Fernando Correia são as únicas pessoas que se dedicam a esta arte no Concelho” (<http://cm-vilanovadepoiares.pt/noticias2-2/3033-barro-preto-de-olho-marinho-em-poiars-e-o-primeiro-a-obter-a-certificacao>; consultado a 21/11/2022).

Recomenda-se a visualização do documentário “Barro Preto, Cultura e Tradição”, uma iniciativa da Câmara Municipal de Poiares, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZE3EkSETqpE>.

– A criação/confeção de pratos centrados na chanfana e em outras iguarias gastronómicas tradicionais associadas (sopa de casamento, negalhos, chispe, cabrito assado, tigelada, nabada), através da oferta permanente em restaurantes (com representação em todos os municípios da Rota).

– As confrarias gastronómicas e o seu papel na defesa, valorização e promoção de pratos gastronómicos tradicionais/originais, nomeadamente: a Confraria da Chanfana de Vila Nova de Poiares; as Real Confraria da Cabra Velha, Confraria da Matança do Porco e a recente Confraria dos Ungulados, Javali e Castanhas, todas de Miranda do Corvo; a Confraria do Queijo Rabaçal em Penela; e as báquicas como a Confraria do Vinho de Lamas e a Confraria dos Amigos da Jeropiga de Moinhos e Arredores, ambas também do concelho de Miranda do Corvo.

– As associações ou cooperativas de produtores locais de leite de ovinos e caprinos e de queijo (APRORABAÇAL) ou de mel (LOUSÂMEL).

– Os espaços simbólicos de origem (Mosteiro de Santa Maria de Semide – Figura 90), de representação artística (em espaços públicos como largos, jardins, pracetas, rotundas, com estatuária e outras obras de arte dedicadas aos oleiros, à chanfana, e ao vinho) – Figuras 91 a 93 –, e de criação de bebidas excecionais de acompanhamento ou para tomar após uma refeição (Casa, Quinta e Loja de Vinhos do Conde de Foz de Arouce; Fábrica do Licor Beirão /Quinta do Meiral, da família Carranca Redondo, respetivamente – Figura 94 e 95).

A estruturação de uma rede de *geocaching*, com *geocaches* personalizadas dedicadas à narrativa da Rota, seria importante para atrair ou complementar a experiência dos visitantes e, igualmente, como ferramenta de monitorização da procura após implementação da Rota, através da valorização de entidades, atividades e símbolos/representações da sua matriz fundadora, como, por exemplo, barreiros, fornos e oficinas de olaria; vinhas, adegas, lojas de vinhos, quintas e casas nobres; capris e criadores de gado caprino; queijarias e associação de produtores de queijo Rabaçal; apicultores e cooperativa de produtores de mel; Licor Beirão (unidade fabril e quinta); património construído vernacular (aldeias de xisto, aldeias de calcário, fornos de telha – Figura 96 –, fornos de cal – Figura 97 –, entre outros).



Fonte: <http://www.loucabarropreto.com/produtos.html>

Figura 86. Caçoila de barro preto (Olho Marinho/Vila Nova de Poiares, 2021)



Figura 87. Capril na Serra de Alveite (Vila Nova de Poiares, 11/2021)



Figura 88. Olaria no Carapinhal (Miranda do Corvo, 11/2021)



Figura 89. Queijaria artesanal no Rabaçal (Penela, 11/2021)



Figura 90. Mosteiro de Santa Maria de Semide (Miranda do Corvo, 07/2017)



Figura 91. Monumento ao oleiro (Miranda do Corvo, 10/2019)



Figura 92. Elementos simbólicos da vinha e do vinho em rotunda próximo da A13-1 (Lamas/Miranda do Corvo, 11/2021)



Figura 93. Evocação da chanfana na rotunda da EN2/EN17 (Vila Nova de Poiares, 11/2021)



Figura 94. Casa e quinta do Conde de Foz de Arouce (Lousã, 06/2018)



Figura 95. Quinta do Meiral e fábrica do Licor Beirão (Lousã, 12/2021)



Figura 96. Forno de telha (reconstruído) no Arneiro (Lousã, 12/2021)



Figura 97. Antigo forno de cal parda em Alveite Grande (Vila Nova de Poiares, 11/2021)

A Figura 98 reflete a espacialização desta proposta.

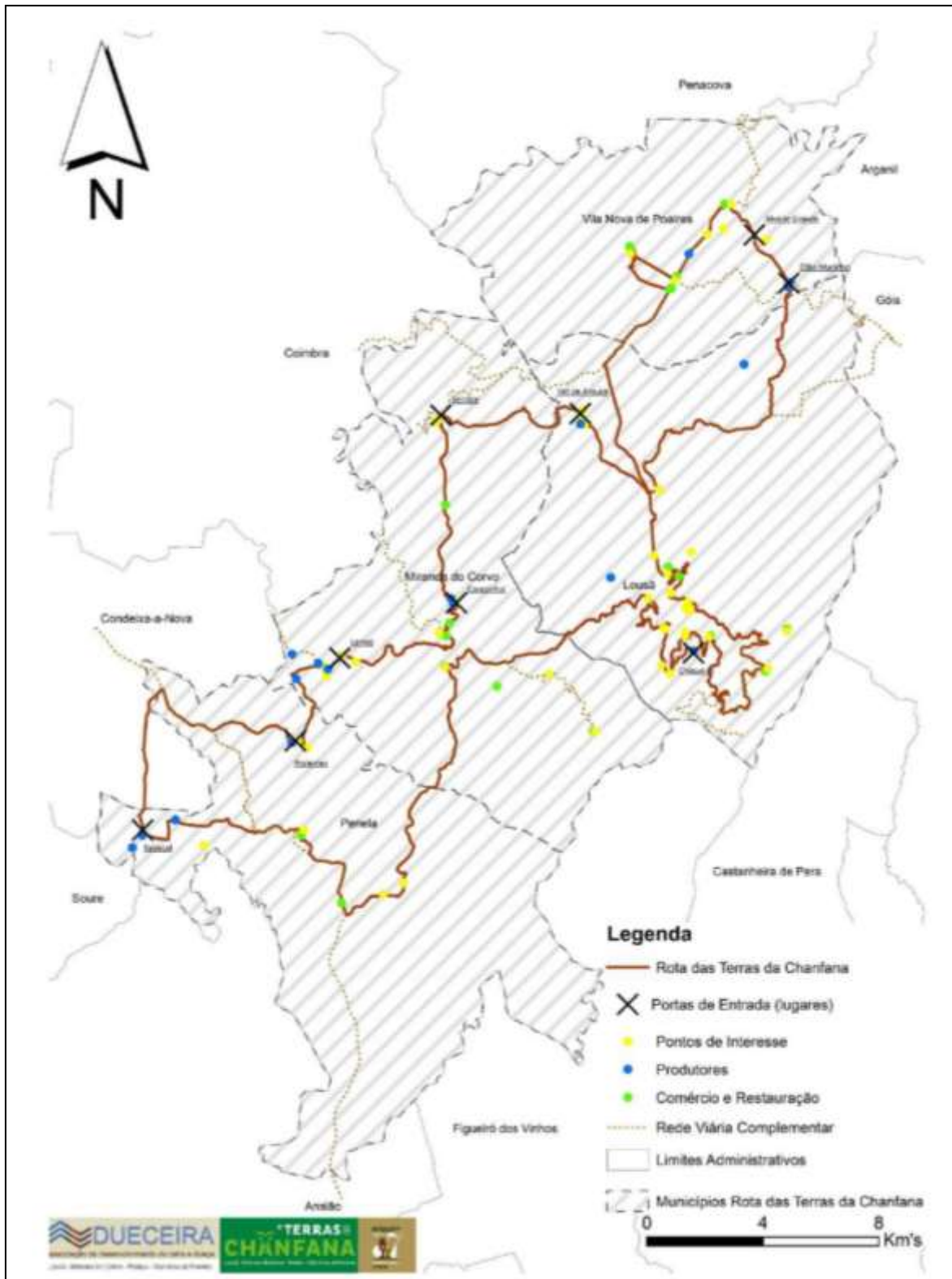


Figura 98. Rota das Terras da Chanfana (2019)

No que diz respeito à sinalização da Rota, recomenda-se a utilização de materiais e suportes adequados para a sua identificação nas vias de comunicação que configuram as portas de entrada principais dos municípios; painéis alusivos/ilustrativos em locais selecionados de cada município; sinalética específica nos pontos relevantes (com produtores, equipamentos, infraestruturas ou elementos simbólicos), tendo em vista informar e contribuir para a visita, a interpretação e fruição dos patrimónios da área geográfica abrangida pela Rota. Aos elementos físicos (painéis interpretativos e informativos) estará associada a tecnologia de *QR Code*, que permitirá a ligação a mais conteúdos e informações sobre cada ponto de interesse ou nó da Rota.

Quanto à divulgação da Rota, a informação deverá estar disponível no *site* da Dueceira (e parceiros associados), com conteúdos bilingue (português e inglês), onde será possível obter e descarregar o traçado (em formato digital para dispositivos móveis), os pontos de referência para visita, a ligação para a rede de *geocaching*, o calendário de eventos, bem como o *feedback* da visita e das experiências dos turistas. Para ampliar o universo de potenciais visitantes, considera-se fundamental a interação com as plataformas/redes digitais da Dueceira, das Câmaras Municipais envolvidas e do Turismo Centro de Portugal, de modo a dar mais visibilidade à Rota e promover a interação com os turistas. Como forma de induzir uma maior interatividade entre os turistas e a partilha das suas experiências na Rota, seria conveniente a instalação de *photo points* (molduras fotográficas), nos locais de melhor enquadramento fotogénico (locais “instagramáveis”), associados ao *hashtag* “#TerrasdaChanfana”, permitindo uma maior conexão da Rota às redes sociais e à partilha de experiência na mesma.

Em relação às experiências criativas e simbólicas, preconiza-se a realização de quatro eventos, com frequência semestral, dedicados aos quatro elementos fundamentais da Rota, ou seja, o vinho, a carne de cabra (ou cabrito), o barro (olaria) e o queijo – com experiências imersivas para alcançar uma maior grau de envolvimento por parte dos visitantes –, bem como a organização de um evento anual, que ocorrerá em simultâneo nos quatro municípios, orientado principalmente para o contacto com os artesãos e criadores dos produtos da Rota, a que acresce a possibilidade de aquisição e degustação de produtos originais, e ainda complementado com outras atividades de animação, como, por exemplo, música, teatro e exposições.

No primeiro caso, sugere-se adicionar uma componente criativa à Festa das Vindimas, a qual ocorre no final de setembro em Lamas (Miranda do Corvo), com a possibilidade de facultar aos visitantes experiências como a participação na atividade de

colheita e esmagamento tradicional das uvas, a realização de uma caminhada interpretativa e de um geoevento centrado na paisagem cultural das vinhas e nos patrimónios associados.

No segundo exemplo, o objetivo é acompanhar a atividade de um pastor com o seu rebanho de cabras, no contexto das Aldeias do Xisto (Serra da Lousã), com o intuito de proporcionar uma experiência original em ambiente geográfico de montanha, onde desde tempos imemoriais o pastoreio é uma referência incontornável, o que inclui a saída e o regresso do gado, os percursos através de espaços dominados por vegetação secular, linhas de água impetuosas e horizontes amplos, com a exploração das dimensões visuais, olfativas e sonoras de uma paisagem cultural única em Portugal.

No terceiro caso, o intuito é participar do processo de recolha e preparação da matéria prima, e de criação de peças de barro preto nas olarias de Olho Marinho e São Miguel (Vila Nova de Poiares). Experienciar e vivenciar a estética e criação destes produtos originais será o mote para a participação dos turistas e a interação com os artesãos.

No último exemplo, sugere-se a participação na atividade de produção tradicional de queijo Rabaçal (Penela), através de queijaria artesanal, a qual pretende incluir também o contacto com a recolha do leite e os produtos finais na variedade fresco e seco.

Estas atividades serão realizadas em períodos de menor atividade turística no território (o que coincide com os meses de janeiro a abril, e de outubro a dezembro), tendo em conta a sua articulação com o calendário de eventos e demais iniciativas locais e regionais que concorrem para o mesmo fim, e terão como elemento obrigatório a avaliação da satisfação dos turistas após as suas experiências no contexto da Rota.

Relativamente ao evento anual, através de um programa com atividades âncora e complementares a concretizar nos quatro municípios, o objetivo principal seria proporcionar aos residentes e visitantes o contacto direto com os saberes-fazer das Terras da Chanfana, isto é, com os artesãos, mestres e criadores dos produtos integrados na Rota, através de oficinas/ateliês de aprendizagem; *show cooking* (demonstração culinária ou confeção de algumas iguarias ou pratos gastronómicos ao vivo, com a possibilidade de interação entre o público e os chefes de cozinha); degustação e venda de produtos gastronómicos associados; passeio pedestre interpretativo, passeio ciclável e geoevento temático dedicado ao território de acolhimento em cada edição do evento; espaço de reflexão (com formato de mesa redonda) sobre o património cultural imaterial

e o turismo, com a participação de entidades e atores de referência nacionais e internacionais nas áreas de ensino, investigação, formação, gestão de iniciativas; exposições; animação cultural, com teatro, música e dança do repertório de tradições das serras da Lousã e de Sicó. Deste modo, haverá uma convergência em torno da marca, distribuindo a animação por todo o território da Rota através de uma efetiva articulação dos concelhos e agentes.

Por outro lado, tendo em vista a valorização de experiências criativas e aprendizagens nos territórios da Rota, pretende-se identificar os artesãos disponíveis e com condições de receber visitantes, mesmo que seja mediante marcação prévia, de forma a programar e recomendar em cada ano aos turistas atividades criativas ao vivo em domínios, como, por exemplo, olaria, apicultura, caprinicultura, gastronomia e vinhos, e, ainda, ponderar a atribuição de um selo de recomendação aos mesmos.

Referências Bibliográficas

- Agapito, D. (2013). *The role of sensescapes in tourist experiences in rural areas*. Tese de Doutoramento em Turismo. Universidade do Algarve.
- Alves, L. e Carvalho, P. (2015). Biocaching: lazer, turismo e património. *Cadernos de Geografia*, 34, 101-106.
- Augusto, C. (2014). *Sons e silêncios da paisagem sonora portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Bender, A. C. (2020). *A dimensão sensorial das experiências: uma abordagem qualitativa em contextos patrimoniais*. Dissertação de Mestrado em Marketing Management. Universidade do Algarve.
- Benetti, A., Ozelame, A., Pereira, L. e Tricárico, L. (2018). Turismo de Experiência em Áreas Patrimoniais: Uma Análise das Emoções a Partir dos Comentários do TripAdvisor sobre a Estrada Parque Transpantaneira-MT-Brasil. *Pasos*, 16(3), 565-581.
- Cayeman, Ch. (2014). *A importância do turismo criativo para a sustentabilidade da atividade turística nas grandes cidades: o exemplo de Barcelona para o estudo de caso de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Estratégias de Desenvolvimento Turístico. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Carvalho, P. (2005). *Património cultural e trajetórias de desenvolvimento em áreas de montanha. O exemplo da Serra da Lousã*. Tese de Doutoramento em Geografia. Universidade de Coimbra.
- Carvalho, P. e Alves, L. (2017). Animação Turística, Inovação e Criatividade no Desenvolvimento Rural. O caso das Aldeias do Xisto. In F. Sousa, J. Pereira e M. Lopes (coord.), *Animação Sociocultural: Turismo Rural e Desenvolvimento Comunitário* (pp. 171-179). Chaves: INTERVENÇÃO.
- Carvalho, P. e Alves, L. (2021). *Áreas Protegidas e Gestão Territorial. O caso da Serra da Lousã*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Diego-Velasco, N. e Gallarza, M. G. (2020). Rasgos defintorios del consumo experiencial del turista: Defiiciones y caracterizadores. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, 38, 41-58.
- Duarte, G. (2014). *Marketing sensorial no enoturismo. Comunicar através dos sentidos*. Dissertação de Mestrado em Marketing. Universidade de Aveiro.
- Fernandes, Í. (2016). *Turismo Criativo em Lisboa*. Coimbra: Universidade de Coimbra (inédito).
- Fernandes, J. (2015). [Recensão a] Carlos Alberto Augusto (2014). Sons e silêncios da paisagem sonora portuguesa. *Biblos*, 1 (3.^a série), 437-441.
- Goveia, E., Guizi, A. e Denkwicz, P. (2021). As vinícolas do Pinho de Baixo (Irati, Paraná) e a potencialidade para o turismo de experiências. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, 11(1), 124-141.
- Gregório, M. J. (2019). *Lugares, Redes e Atores: o papel das ruínas na rede das Aldeias Históricas de Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Geografia. Universidade do Minho.
- Hall, C. M. & Williams, Alan (2008). *Tourism and Innovation*. London: Routledge.

- Mateiro, B. (2015). *A experiência turística nos destinos de montanha: Os cinco sentidos*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo. Universidade de Aveiro.
- Netto, A. P. (2010). Experiência e turismo: uma união possível. In A. P. Netto e C. Gaeta (org), *Turismo de Experiência* (pp. 43-55). São Paulo: Editora Senac.
- Pereira, M. e Hor-Meyll, L. (2017). Nostalgia de experiências memoráveis e a revisita a locais de turismo. *REMark – Revista Brasileira de Marketing*, 16(4), 535-548.
- Pimentel, J. (2017). *Percorrer o território como experiência sensorial. A Casa Branca, do cabo da Roca ao Magoito*. Projeto Final de Mestrado em Arquitetura com especialização em Urbanismo. Universidade de Lisboa.
- Ribeiro, A. (2017). *A Percepção do Espaço. A experiência sensorial entre os materiais e forma arquitectónica*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Universidade do Porto.
- Richards, G. & Wilson, J. (2006). Developing creativity in tourist experiences: A solution to the serial reproduction of culture? *Tourism Management*, 27, 1209-1223.
- Richards, G. (2020). Designing creative places: The role of creative tourism. *Annals of Tourism Research*, 85, 102922.
- Ruivo, J. (2002). O tesouro do Coiço (concelho de Penacova, distrito de Coimbra). *NVMMVS*, XXI-XXV, 146-156.
- Santos, M., Alencar, D., Andrade, A y Gândara, J. (2018). Tendências do consumidor em turismo: a oferta no Paraná (Brasil) para demandantes de experiências. *Investigaciones Turísticas*, 16, 143-164.
- Sharpley, R. (2003). Rural Tourism and Sustainability – A Critique. In D. Hall, L. Roberts & M. Mitchell (ed), *New Directions in Rural Tourism* (pp. 38-53). Aldershot: Ashgate.
- Sharpley, R. (2021). Tourist experiences. Liminal, liminoid or just doing something different? In R. Sharpley (ed.), *Routledge Handbook of the Tourist Experience* (pp. 89-100). London: Routledge.
- Silva, A. (2020). *Comportamento espaciotemporal edimensão sensorial de experiência enoturística na Rota da Bairrada*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo. Universidade de Aveiro.
- Tan, S. K., Kun, S. F., & Luh, D. B. (2013). A model of creative experience in creative tourism. *Annals of Tourism Research*, 41, 153–174.
- Torga, M. (2014). *Antologia Poética*, 7.^a ed., Lisboa: Dom Quixote.

Índice de Figuras

Figura 1. Logótipo das Terras da Chanfana	13
Figura 2. Localização das Terras da Chanfana	14
Figura 3. Mel Serra da Lousã, em embalagem comercial de 30 gramas (09/2022)	16
Figura 4. Marco toponímico das Aldeias do Xisto (Chiqueiro/Lousã, 06/2019)	17
Figura 5. Fonte Fria (Lousã, 12/2020)	20
Figura 6. Vista parcial do castelo e casario da vila de Penela (11/2021)	22
Figura 7. Varanda de Gevim (Lousã, 11/2021)	26
Figura 8. Composição de azulejos da varanda de Gevim (Lousã, 11/2021)	26
Figura 9. Miradouro da Senhora da Piedade (Lousã, 11/2021)	27
Figura 10. Painel de azulejos, reproduzindo poema de Eugénio Sanches da Gama, no miradouro da Senhora da Piedade (Lousã, 11/2021)	27
Figura 11. Miradouro da Tarrasteira (Lousã, 11/2021)	28
Figura 12. Placa alusiva à inauguração do miradouro da Tarrasteira (Lousã, 11/2021)	28
Figura 13. Horizonte visual a partir da varanda de Gevim (Lousã, 11/2021)	29
Figura 14. Panorama desde o miradouro da Tarrasteira (Lousã, 11/2021)	29
Figura 15. Santuário do Senhor da Serra (Miranda do Corvo, 11/2021)	31
Figura 16. Painel de azulejos no adro do Santuário do Senhor da Serra (Miranda do Corvo, 11/2021)	31
Figura 17. Estrela e Açor (a fechar o horizonte), desde o adro do Santuário do Senhor da Serra (Miranda do Corvo, 11/2021)	32
Figura 18. Perspetiva para nascente (ao fundo a Serra da Lousã), a partir do adro do Santuário do Senhor da Serra (Miranda do Corvo, 11/2021)	32
Figura 19. Miradouro de Chanca (Penela, 11/2021)	33
Figura 20. Vista parcial do vale do Rabaçal (com a Serra da Lousã em cenário de fundo), a partir do Miradouro de Chanca (Penela, 11/2021)	33
Figura 21. Rabaçal e elevações de Germanelo, Jerumelo e Monte de Vez, desde o Miradouro de Chanca (Penela, 11/2021)	34
Figura 22. “Mirante” de São Pedro Dias/Alveite (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	35

Figura 23. Vale do Alva e Serras do Açor e da Estrela, desde o Alto de São Pedro Dias/Alveite (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	35
Figura 24. Vinha em Chão de Lamas (Miranda do Corvo, 11/2021)	37
Figura 25. Vinhedo no outono (Chão de Lamas/Miranda do Corvo, 11/2021)	38
Figura 26. Vinha em Podentes (Penela, 11/2021)	38
Figura 27. Igreja paroquial e freixo monumental de Podentes (Penela, 11/2021)	39
Figura 28. Vinha no Rabaçal (Penela, 11/2021)	39
Figura 29. Sinalização da Rota Carmelita e do Caminho de Santiago no Rabaçal (Penela, 11/2021)	40
Figura 30. Casa florestal das Hortas (Lousã, 12/2020)	41
Figura 31. Tanque do Cabril (Lousã, 11/2021)	42
Figura 32. Terreiro das Bruxas (Lousã, 11/2021)	42
Figura 33. Arvoredo (folhosas e resinosas) nas Hortas (Lousã, 11/2021)	43
Figura 34. Folhagem de carvalho-roble na primavera (Hortas/Lousã, 04/2022)	43
Figura 35. Contraste cromático da folhagem no outono (Hortas/Lousã, 11/2021)	44
Figura 36. Castanheiro no outono (Hortas/Lousã, 11/2021)	44
Figura 37. Folha de plátano-bastardo no outono (Hortas/Lousã, 11/2021)	45
Figura 38. Tapete de folhas de carvalho-americano no PR7 LSA (Hortas/Lousã, 11/2021)	45
Figura 39. Palácio da Viscondessa do Espinhal, atual Octant Hotel Lousã (07/2023)	48
Figura 40. Levada da fábrica de papel do Penedo (Lousã, 11/2021)	48
Figura 41. Cascata da ribeira das Hortas no PR1 LSA (Lousã, 11/2021)	49
Figura 42. Queda de água perto da praia fluvial da Senhora da Piedade (Lousã, 11/2021)	49
Figura 43. Central hidroelétrica da Ermida (Lousã, 11/2021)	50
Figura 44. Troço da levada da central hidroelétrica da Ermida (Lousã, 02/2022)	50
Figura 45. Folhosas autóctones perto do açude da ribeira da Cerdeira/Candal (02/2022)	51

Figura 46. Bosquete de folhosas autóctones no Candal (Lousã, 04/2022)	51
Figura 47. Informação sobre troço condicionado do PR2 MCV (05/2021)	53
Figura 48. Pormenor (piso) do percurso pedestre acessível do Gondramaz (Miranda do Corvo, 05/2021)	53
Figura 49. Gondramaz (Miranda do Corvo, 11/2021)	54
Figura 50. Sinalética direcional de acesso ao Penedo dos Corvos (05/2021)	54
Figura 51. Pequena cascata na ribeira do Espinho (Miranda do Corvo, 11/2021)	55
Figura 52. Loureiros na ribeira do Espinho (Miranda do Corvo, 11/2021)	55
Figura 53. Painel do PR2 PNL na Louçainha (Penela, 11/2021)	57
Figura 54. Ponte de madeira no PR2 PNL (Penela, 11/2021)	57
Figura 55. Antigo moinho em ruínas no PR2 PNL (Penela, 11/2021)	58
Figura 56. Vegetação reliquial no PR2 PNL próximo da Louçainha (Penela, 11/2021)	58
Figura 57. Folhas de carvalho-negral no PR2 PNL (Penela, 11/2021)	59
Figura 58. Cascata da Pedra da Ferida (Penela, 11/2021)	59
Figura 59. Loureiros no PR2 PNL, junto à cascata da Pedra da Ferida (Penela, 11/2021)	60
Figura 60. Parque de merendas no PR2 PNL, perto da Pedra da Ferida (Penela, 11/2021)	60
Figura 61. Monumento de homenagem ao Poiarense (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	62
Figura 62. Painel do PR2 PRS no Louredo Natura Parque (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	62
Figura 63. Galeria ripícola junto à “ponte romana” (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	63
Figura 64. Sinalização do moinho da Rosa no PR2 PRS (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	63
Figura 65. PR2 PRS no atravessamento da EN2 (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	64
Figura 66. PR2 PRS junto ao rio Mondego (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	64
Figura 67. Entrada da Villa Romana do Rabaçal (Penela, 11/2021)	66
Figura 68. Espaço-museu da Villa Romana do Rabaçal (Penela, 11/2021)	66

Figura 69. Vista parcial do Franco de Cima (Lousã, 01/2019)	68
Figura 70. Cascata junto ao Franco de Cima (Lousã, 01/2019)	68
Figura 71. Ruína de antiga habitação no Franco de Baixo (Lousã, 01/2019)	69
Figura 72. Bosquete de folhosas autóctones no Franco de Cima (Lousã, 01/2019)	69
Figura 73. Cerdeira (Lousã, 02/2019)	71
Figura 74. “Cerdeira Home for Creativity” (Cerdeira/Lousã, 09/2018)	72
Figura 75. Chanfana	73
Figura 76. Alecrim (Lousã, 12/2021)	75
Figura 77. Giesta (Lousã, 06/2021)	75
Figura 78. Urze em flor (Lousã, 04/2021)	76
Figura 79. Flor de ameixieira (Lousã, 03/2021)	76
Figura 80. Rosas vermelhas (Miranda do Corvo, 05/2021)	77
Figura 81. CISED (Penela, s/d)	78
Figura 82. ExperTree Park (Espinhal/Penela, 11/2021)	79
Figura 83. Pormenor de apoios para arborismo do ExperTree Park (Espinhal/Penela, 11/2021)	80
Figura 84. Zona de escalada da Fraga (Vila Nova de Poiares, 2021)	81
Figura 85. Loureiro na quinta do Palácio (Lousã, 09/2021)	83
Figura 86. Caçoila de barro preto (Olho Marinho/Vila Nova de Poiares, 2021)	86
Figura 87. Capril na Serra de Alveite (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	86
Figura 88. Olaria no Carapinhal (Miranda do Corvo, 11/2021)	87
Figura 89. Queijaria artesanal no Rabaçal (Penela, 11/2021)	87
Figura 90. Mosteiro de Santa Maria de Semide (Miranda do Corvo, 07/2017)	88
Figura 91. Monumento ao oleiro (Miranda do Corvo, 10/2019)	88
Figura 92. Elementos simbólicos da vinha e do vinho, em rotunda, na proximidade da A13-1 (Lamas/Miranda do Corvo, 11/2021)	89
Figura 93. Evocação da chanfana na rotunda da EN2/EN17 (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	89
Figura 94. Casa e quinta do Conde de Foz de Arouce (Lousã, 06/2018)	90

Figura 95. Quinta do Meiral e fábrica do Licor Beirão (Lousã, 12/2021	90
Figura 96. Forno de telha (reconstruído) no Arneiro (Lousã, 12/2021)	91
Figura 97. Antigo forno de cal parda em Alveite Grande (Vila Nova de Poiares, 11/2021)	91
Figura 98. Rota das Terras da Chanfana (2019)	92

